



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Ciências Sociais e Humanas

**Perceções dos alunos face à aprendizagem da  
Língua Inglesa  
Um estudo de caso no I.E.F.P. de Castelo Branco**

**Ricardo Alexandre Machado Aguiar**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Supervisão Pedagógica**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Manuel Loureiro

Covilhã, outubro de 2012



## Agradecimentos

Deixo aqui um especial e sincero agradecimento:

- Ao meu orientador de dissertação, professor doutor Manuel Loureiro, pela disponibilidade, acompanhamento, sugestões pertinentes e rapidez de resposta durante a realização deste estudo.
- Ao diretor do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco, Jorge Carrega Pio, pela sua colaboração e disponibilidade, sem as quais este trabalho não teria sido possível.
- Aos formandos e formadores, pela disponibilidade no preenchimento dos inquéritos, um contributo indispensável para a realização deste trabalho.
- À família e amigos, pelo apoio e palavras de incentivo em momentos mais difíceis.
- Aos meus colegas, pelo apoio e troca de ideias dado ao longo desta fase.



## Resumo

Num panorama linguístico tão rico e diversificado que abrange milhares de línguas, a Língua Inglesa destaca-se por ter a distinção de ser a *lingua franca* em diversos domínios da cultura e sociedade, nomeadamente nas artes, economia, comércio e política. Esta realidade reflete-se nas políticas educativas de inúmeros países, incluindo Portugal, onde o Inglês é a Língua Estrangeira mais ensinada nos estabelecimentos de ensino. O Centro de Formação Profissional de Castelo Branco visa a formação e qualificação de jovens e adultos para o mercado de trabalho, e, consoante a vigente universalidade do Inglês e a conseqüente abundância de documentação técnica escrita nesse idioma, tem privilegiado o ensino da Língua Inglesa nos cursos desenvolvidos. Contudo, os formandos que frequentam este Centro manifestam à partida algum desinteresse e desmotivação na aprendizagem desta língua. Este estudo aferiu as perceções da importância da Língua Inglesa destes formandos, bem como os sentimentos relativos à sua aprendizagem, e confrontou-os com as opiniões que os formadores têm sobre as representações dos seus formandos.

Participaram neste estudo 74 formandos do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco, distribuídos por oito cursos, e cinco formadores em exercício de funções. Para a recolha de dados, foram utilizados dois inquéritos: um composto por itens de escolha múltipla, perguntas abertas e escalas tipo Likert para os formandos, e um inquérito de resposta aberta para os formadores.

Os resultados indicam que, apesar de reconhecerem a relevância da Língua Inglesa a nível global, os formandos manifestam um conhecimento escasso acerca da afluência e hegemonia desta língua nas mais diversas áreas. Apesar de os formandos reconhecerem o Inglês como uma das línguas mais faladas a nível mundial e a maioria gostar de aprender Inglês, os seus hábitos de estudo não são consistentes com estas assunções, sobretudo quando estes formandos consideram a língua importante para o seu futuro profissional.

## Palavras-chave

Perceções; Língua Inglesa; Aprendizagem; Motivação.



## Abstract

In a linguistic scenery so rich and diverse that encompasses thousands of languages, the English language stands out for having the distinction of being the *lingua franca* in several areas of culture and society, including the arts, economics, commerce and politics. This reality is reflected in the educational policies of many countries, including Portugal, where English is the most taught foreign language in schools. The Centro de Formação Profissional de Castelo Branco aims at the training and qualification of young people and adults for the job market, and, due to the current extent of English and the consequent abundance of technical documents written in such, it has favored the teaching of English in its courses. But those that attend to this facility evince some disinterest and lack of motivation in learning this language. This research work assessed the perceptions that these learners have about the importance of English language, as well as their feelings concerning its learning, and juxtaposed them with the opinions that the teachers have regarding the representations of their learners.

In this study there were 74 learner participants from the Centro de Formação Profissional de Castelo Branco, spread over eight courses, and five teachers. In order to gather the data, we used two surveys: one composed of multiple-choice questions, open-ended questions and Likert scales for learners, and an open-ended question survey for the teachers.

The results indicate that, despite recognizing the importance of the English language at a global scale, the learners expressed little knowledge about the affluence and dominance of this language in several areas. Even though the learners recognize English as one of the most spoken languages in the world and most of them like to learn English, their study habits are inconsistent with these assumptions, especially because they consider this language of great important for their professional future.

## Keywords

Perceptions, English Language, Learning, Motivation.



# Índice

Lista de Figuras .....	xi
Lista de Tabelas.....	xiii
Lista de Acrónimos.....	xv
Introdução.....	1
1. A Língua Inglesa.....	5
1.1. A língua global.....	5
1.1.1. As origens e proliferação da Língua Inglesa .....	5
1.1.2. A ascensão dos Estados Unidos da América .....	7
1.2. A importância de falar inglês no mundo profissional .....	11
1.3. A língua das publicações científicas .....	13
1.4. Quem fala Inglês? .....	15
1.4.1. A importância do ensino da Língua Inglesa .....	18
1.4.2. A Língua Inglesa pelo mundo .....	20
1.5. O futuro do Inglês.....	22
2. A motivação na aprendizagem da Língua Inglesa .....	23
2.1. Behaviorismo, cognitivismo, construtivismo .....	23
2.2. Motivação integrativa e instrumental .....	24
2.3. Motivação intrínseca e extrínseca .....	24
3. Questão de investigação e objetivos do estudo .....	29
3.1. Objetivos de Estudo .....	31
4. Método.....	31
4.1. Caracterização do contexto.....	31
4.2. Participantes.....	32
4.2.1. Caracterização dos formadores.....	32
4.2.2. Caracterização dos formandos .....	33

4.3. Instrumentos.....	35
4.3.1. Inquérito para os formadores .....	35
4.3.2. Inquérito para os formandos .....	36
4.4. Procedimento.....	37
4.5. Análise dos dados .....	38
4.5.1. Análise de conteúdo .....	38
4.5.2. Métodos estatísticos utilizados .....	39
5. Resultados .....	41
5.1. Inquéritos para os formadores.....	41
5.2. Inquéritos para os formandos.....	43
5.2.1. PARTE I - A Língua.....	43
5.2.2. PARTE II - Eu e a Língua .....	48
6. Discussão dos Resultados.....	53
Conclusões .....	57
Referências .....	61
Anexos .....	65
Anexo I.....	67
Anexo II.....	71
Anexo III .....	77
Anexo IV .....	78
Anexo V.....	79
Anexo VI .....	87
Anexo VII .....	89
Anexo VIII .....	91
Anexo IX .....	93
Anexo X.....	95
Anexo XI .....	97

## Lista de Figuras

Figura 1. As dez línguas mais usadas na Internet .....	9
Figura 2. Árvore de descendência da Língua Inglesa .....	10
Figura 3. Os três círculos do Inglês .....	11
Figura 4. Mapa das nações onde o Inglês é uma língua oficial ou uma língua predominante ..	16
Figura 5. Ilustração da frequência de idades em histograma e diagrama tipo caixa .....	34
Figura 6. Representação gráfica dos dados da Tabela 24 .....	52
Figura 7. Representação gráfica dos dados da Tabela 27 .....	53



## Lista de Tabelas

Tabela 1: .....	33
Tabela 2: .....	34
Tabela 3: .....	34
Tabela 4: .....	34
Tabela 5: .....	35
Tabela 6: .....	35
Tabela 7: .....	43
Tabela 8: .....	44
Tabela 9: .....	45
Tabela 10: .....	45
Tabela 11: .....	46
Tabela 12: .....	46
Tabela 13: .....	46
Tabela 14: .....	47
Tabela 15: .....	48
Tabela 16: .....	48
Tabela 17: .....	48
Tabela 18: .....	49
Tabela 19: .....	49
Tabela 20: .....	49
Tabela 21: .....	50
Tabela 22: .....	50
Tabela 23: .....	51
Tabela 24: .....	51
Tabela 25: .....	52
Tabela 26: .....	52
Tabela 27: .....	52



## Lista de Acrónimos

CEF	Curso de Educação e Formação
CET	Curso de Especialização Tecnológica
E.U.A.	Estados Unidos da América
EFA	Educação e Formação para Adultos
EFJ	Educação e Formação para Jovens
I.E.F.P.	Instituto de Formação Profissional
LE	Língua Estrangeira
TI	Tecnologia Informática



## Introdução

O título da dissertação “Perceções dos alunos face à aprendizagem da Língua Inglesa” surge no âmbito do Curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica Geral e Formação de Professores.

A Língua Inglesa tem, na sociedade contemporânea a nível mundial, um papel de destaque em vários ramos culturais e profissionais, configurando-se como a principal língua do comércio internacional, a língua com mais recursos culturais, e a língua mundial padrão (Graddol, 2000). As políticas educativas portuguesas da última década têm ido ao encontro deste paradigma, com a generalização do ensino do Inglês no 1º ciclo do ensino básico Português em 2005, e mais recentemente com a implementação da Língua Inglesa como língua obrigatória no 2º e 3º ciclos na Revisão da Estrutura Curricular do Ministério da Educação e Ciência (Decreto-Lei n.º 139/2012).

Reconhecendo-se assim a importância da Língua Inglesa nos contextos culturais e económicos a nível mundial e nacional, e na qualidade de docente no Centro de Formação Profissional de Castelo Branco, onde à primeira vista os formandos revelam alguma resistência e desinteresse por esta língua, torna-se imperativo descortinar as razões pela desmotivação e desinteresse na aprendizagem de uma língua tão proliferada.

Neste sentido, procura-se no presente estudo identificar as perceções dos formandos do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco sobre a importância da Língua Inglesa, identificando conjuntamente preconceitos adjacentes. Pretende-se ainda analisar os sentimentos relativos à aprendizagem desta língua.

Esta dissertação encontra-se organizada em duas partes. A primeira parte, de carácter teórico, está dividida em dois capítulos, em que, no primeiro, se procura rastrear o percurso da Língua Inglesa ao longo da história até à sua assunção como *lingua franca*, bem como analisar a sua relevância no mundo profissional, o número de utilizadores da língua e o seu ensino em Portugal; no segundo capítulo abordam-se os fatores motivacionais para a aprendizagem da Língua Inglesa e a forma como os mesmos podem ou não determinar o seu sucesso. Na segunda parte desta investigação, procede-se à exposição do estudo empírico efetuado, que diz respeito à sua apresentação, definição de objetivos, descrição da metodologia utilizada, da amostra, análise dos resultados obtidos, a sua discussão e por fim as conclusões gerais do estudo.



# I. REVISÃO TEÓRICA



# 1. A Língua Inglesa

## 1.1. A língua global

Segundo David Crystal (2003), uma língua atinge o estatuto global quando desenvolve um papel especial que é reconhecido em todos os países e, para alcançar esse estatuto, os outros países têm de adotá-la e atribuir-lhe um lugar especial dentro das suas comunidades. Ainda segundo este autor, há duas formas para isto acontecer: “a língua pode ser eleita a língua oficial de um país para ser usada como um meio de comunicação em diferentes domínios, tais como no governo, nos tribunais, nos meios de comunicação, e no sistema educacional” (como é o caso em Gana, Nigéria, Índia, Singapura e Vanuatu), ou “a língua pode ser uma prioridade no ensino de um país estrangeiro, mesmo que essa língua não tenha aí um estatuto oficial” (p. 4)<sup>1</sup>.

Por norma, uma língua adquire estatuto internacional devido ao poderio político e militar do seu povo. O poder militar é tão essencial para estabelecer a língua, como é o poder económico para manter e expandi-la. O Latim tornou-se uma língua internacional durante o Império Romano não por os Romanos serem mais numerosos do que os povos subjugados, mas por serem mais poderosos (Crystal, 2003). Posto isto, configura-se a pergunta: como alcançou a Língua Inglesa o estatuto de língua global? Segundo este autor, esta pergunta tem duas respostas: uma geográfico-histórica e outra sociocultural. Nos capítulos seguintes, passaremos a analisar o percurso da Língua Inglesa até ao presente.

### 1.1.1. As origens e proliferação da Língua Inglesa

A Língua Inglesa é proveniente do Anglo-Saxão e chegou à Inglaterra no século V (Crystal, 2003; Pires, 2000). Esta língua passou por diversas mutações até se tornar a língua que hoje conhecemos: *Old English* ou *Anglo-Saxon* (de 450 a 1066); *Early English* ou *Semi-Saxon* (de 1066 a 1250); *Middle English* (de 1250 a 1500); e *Modern English* do século XVI aos dias atuais. A ascensão da Língua Inglesa coincide com o declínio da Língua Francesa em território Inglês, para a qual a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) teve um papel preponderante. Imediatamente após o seu final, o discurso de abertura do Parlamento passou a ser pronunciado em Inglês (Pires, 2000).

A ascensão do Inglês como língua global remonta ao período denominado por “Inglês Moderno” (c. 1450-1750), que abrangeu o Renascentismo, o Período Isabelino e Shakespeariano. Com o concomitante declínio da Igreja e do Latim surgiram instituições científicas, tais como a *Royal Society*, que passaram a documentar descobertas em Inglês. A Inglaterra cresceu e iniciou uma expansão marítima, dando início à colonização das Américas

---

<sup>1</sup> As traduções doravante apresentadas são da responsabilidade do autor deste trabalho.

(1607) e da Índia (1614). Por esta altura emergiu a necessidade de criar uma língua nacional, até então inexistente, que permitisse aos emergentes estados-nação regular os seus territórios espalhados pelo mundo. Assim, a Língua Inglesa foi reconstruída para este propósito, surgindo como portadora e símbolo de união política (Crystal, 2003; Graddol, 2000). A língua da potência colonial introduziu um novo meio de comunicação, unificando a colónia e, ao mesmo tempo, refletindo os seus laços com o país colonizador (Crystal, 2003).

A Inglaterra tornou-se a primeira potência comercial nos séculos XVI e XVII, e o Império Britânico, através do domínio dos mares, contribuiu para a expansão da Língua Inglesa em inúmeros territórios do mundo. Por outro lado, esta expansão comercial e marítima também contribuiu para o enriquecimento vocabular da própria língua. Logo, sendo o Inglês uma língua de flexão relativamente simples e estando aberta à entrada de vernáculo estrangeiro, assumiu-se como possivelmente a língua mais acessível do mundo (Pires, 2000).

Em suma, a expansão colonial da Inglaterra estabeleceu os alicerces do Inglês como língua global, levando a língua para diversos cantos do mundo. Esta expansão contribuiu também para o seu crescimento, pois o contacto com outras línguas tornou-a numa língua híbrida, que evoluiu para atender às novas necessidades culturais e comunicativas (Graddol, 2000).

Ao distanciar-se gradualmente das instituições religiosas que procuravam barrar o progresso científico e tecnológico, a Inglaterra assumiu uma posição pioneira em todas as áreas de conhecimento e, assim, pôde dar início a uma Revolução Industrial que também contribuiu para a expansão da Língua Inglesa, através das invenções emanadas para os outros países. Segundo Pires (2000), “a Revolução Industrial colocou o país um século à frente dos demais estados europeus, em termos de progresso” (p. 13) e durante muitos anos, a Inglaterra ocupou um lugar por excelência na Europa, como centro do poder, riqueza e da civilização ocidental.

No século XIX, o Império Britânico, por meio de políticas comerciais e culturais, consolidou o estatuto do Inglês como língua global, criando uma língua na qual “o sol nunca se põe” (Graddol, 2000, p. 6). A Revolução Industrial impulsionou a Língua Inglesa, que passou a ser a língua internacional da publicidade e do consumo. Os progressos nos meios de transporte também facilitaram o acesso à informação. Durante a primeira metade do século XIX, o desenvolvimento do navio a vapor e da via-férrea encurtaram a distância entre as pessoas, e durante a segunda metade desse século, o desenvolvimento de novos sistemas de comunicação, tais como o telégrafo e o telefone, tornaram a comunicação à distância entre as pessoas praticamente instantânea (Crystal, 2003). Daí surgiu o que mais tarde veio a ser apelidado por “imperialismo económico” que “trouxe uma nova dimensão para o equilíbrio do poder linguístico” (Idem, p. 83). Com a invenção do telégrafo, as comunicações globais passaram a ser feitas principalmente em Inglês. Enquanto o uso e popularidade da Língua

Inglesa crescia, comprometendo a hegemonia da Língua Francesa, o ensino do Inglês foi introduzido em várias partes do mundo (Graddol, 2000).

### 1.1.2. A ascensão dos Estados Unidos da América

Entre o final do século XIX e século XX, os Estados Unidos da América substituíram a Inglaterra na proliferação da língua, e ajudaram a garantir que esta estivesse na vanguarda do saber científico e na cultura do consumo. Como iremos verificar, o Inglês surge mais uma vez intimamente associado à vanguarda de desenvolvimentos científicos globais, tecnológicos, económicos e culturais. Isto deveu-se largamente à elevação dos E.U.A. como superpotência, conferindo-lhe uma inigualável influência económica, tecnológica e cultural. Esta influência teve um papel preponderante na disseminação do Inglês (Idem). A concomitante proeminência dos E.U.A. na resolução do conflito entre a Alemanha e o Japão, e a sua crescente abundância económica foram as verdadeiras forças impulsionadoras da língua neste período.

Por volta do final do século XIX, verificou-se um aumento exponencial no uso de anúncios em publicações, especialmente nos países mais industrializados. Deu-se início à produção em massa, alimentando a concorrência, ao mesmo tempo que o poder do consumidor aumentava. Por esta altura, surgiram também novas técnicas de impressão. Os publicitários estadunidenses chegaram à conclusão que as receitas provenientes da publicidade permitiam-lhes baixar o preço das suas revistas, podendo assim aumentar a circulação. Os semanários e as revistas passaram a ter anúncios sobre todo o tipo de produtos. Durante a década de 1920, os E.U.A. fizeram do *slogan* “A publicidade compensa” o seu mote, e por todo o lado se passaram a ver posters, cartazes e outros meios publicitários exteriores. Com o crescimento dos mercados internacionais, estes “*outdoor media*” foram exportados para além fronteiras, e a proeminência destes anúncios a nível mundial é ainda hoje uma das manifestações globais mais visíveis de uso da Língua Inglesa (Crystal, 2003).

A proliferação da Língua Inglesa também foi facilitada pelos outros meios de comunicação. No virar do XIX, o Inglês ganhou a distinção de ser a primeira língua a ser transmitida por rádio, pelo físico estadunidense Reginald A. Fessenden na véspera do Natal de 1906. Crystal (2003) aponta as estações radiofónicas como testemunho da hegemonia do Inglês no campo da música popular, referindo ainda que muitas pessoas têm o seu primeiro contacto com a Língua Inglesa através da música. Segundo este autor, “nenhuma outra fonte disseminou o Inglês pelos jovens do mundo de uma forma tão rápida e incisiva” (p. 102). Para corroborar esta afirmação, Crystal ressalta a carreira internacional do grupo Sueco ABBA, que foi inteiramente conseguida através do uso do Inglês.

As subseqüentes inovações no campo do entretenimento público e privado delinearam um novo rumo na proliferação da Língua Inglesa, sobretudo aquando do surgimento do cinema

sonoro na década de 1920, em que a Língua Inglesa passou a dominar o mundo do cinema. Esta indústria era maioritariamente constituída por estúdios americanos ou britânicos, e a esmagadora maioria dos artistas e realizadores apenas faziam filmes em Inglês (Crystal, 2003).

Com a Segunda Guerra Mundial, os E.U.A. tornaram-se uma economia global, e a hegemonia da Língua Inglesa ganhou um novo arranque, pois a influência dos E.U.A. alastrou-se ao nível mundial. Depois da guerra, fundaram-se agências internacionais para ajudarem na reconstrução global, e segundo Crystal (2003), 85% destas organizações usavam o Inglês como língua de trabalho. Os E.U.A. desempenharam um importante papel na reconstrução económica da Europa, Japão e outras partes da Ásia, como a Coreia. Assim, a Língua Inglesa surgiu naturalmente como a solução para esta necessidade de mediação, e como muitos países passaram a estar economicamente dependentes dos E.U.A., a sua influência na proliferação da língua era incontornável (Graddol, 2000; Pires, 2002). Para os países europeus, o Inglês era o idioma preferido do comércio externo, e o Japão também o usava em larga escala no comércio internacional. Desta forma, o uso do Inglês parecia ser incentivado pelas três principais potências comerciais do mundo: os E.U.A., a Europa e o Japão (Graddol, 2000).

Os rápidos avanços tecnológicos registados ao longo destes séculos tornaram a comunicação mais célere e mais fácil, suscitando a necessidade de uma língua de conhecimento internacional generalizado. Logo, sendo a Língua Inglesa já usada em todos os continentes, esta assumiu-se como o instrumento de comunicação global. Ela encontrava-se, então, impregnada em áreas de interesse mundial e pessoal, tais como o comércio internacional, a ciência, os mercados financeiros e a tecnologia. Com a revolução das telecomunicações, o Inglês passou gradualmente a ser a língua dos *media* internacionais, das publicações de livros técnicos, da música popular, do cinema e da cultura em geral (Pires, 2000).

Também no campo da informática, a Língua Inglesa ganhou um papel predominante, pois a grande maioria dos programas informáticos são invenções de países ingleses, e tanto o *hardware* como o *software* refletem as necessidades desse idioma. Tendo em conta que a investigação e desenvolvimento destes programas são feitos nos E.U.A., Europa e Japão, a Língua Inglesa tornou-se de certa forma a *lingua franca* das máquinas (Graddol, 2000).

A Internet é possivelmente o maior instrumento difusor da Língua Inglesa. Segundo McCrum et al., (citado por Graddol, 2000), cerca de 80% da informação armazenada nos computadores mundiais está escrita em Inglês e de acordo com os dados mais recentes da Internet World Stats (2011), o Inglês continua a ser a língua mais utilizada pelos usuários de Internet: 565,004,126 utilizadores, como se pode observar na Figura 1.

<b>Top Ten Languages Used in the Web</b> ( Number of Internet Users by Language )					
TOP TEN LANGUAGES IN THE INTERNET	Internet Users by Language	Internet Penetration by Language	Growth in Internet (2000 - 2011)	Internet Users % of Total	World Population for this Language (2011 Estimate)
<u>English</u>	565,004,126	43.4 %	301.4 %	26.8 %	1,302,275,670
<u>Chinese</u>	509,965,013	37.2 %	1,478.7 %	24.2 %	1,372,226,042
<u>Spanish</u>	164,968,742	39.0 %	807.4 %	7.8 %	423,085,806
<u>Japanese</u>	99,182,000	78.4 %	110.7 %	4.7 %	126,475,664
<u>Portuguese</u>	82,586,600	32.5 %	990.1 %	3.9 %	253,947,594
<u>German</u>	75,422,674	79.5 %	174.1 %	3.6 %	94,842,656
<u>Arabic</u>	65,365,400	18.8 %	2,501.2 %	3.3 %	347,002,991
<u>French</u>	59,779,525	17.2 %	398.2 %	3.0 %	347,932,305
<u>Russian</u>	59,700,000	42.8 %	1,825.8 %	3.0 %	139,390,205
<u>Korean</u>	39,440,000	55.2 %	107.1 %	2.0 %	71,393,343
<b>TOP 10 LANGUAGES</b>	<b>1,615,957,333</b>	<b>36.4 %</b>	<b>421.2 %</b>	<b>82.2 %</b>	<b>4,442,056,069</b>
Rest of the Languages	350,557,483	14.6 %	588.5 %	17.8 %	2,403,553,891
<b>WORLD TOTAL</b>	<b>2,099,926,965</b>	<b>30.3 %</b>	<b>481.7 %</b>	<b>100.0 %</b>	<b>6,930,055,154</b>

**Figura 1. As dez línguas mais usadas na Internet**

Fonte: Internet World Stats

É também notável que a Wikipédia inglesa, o projeto colaborativo *online* mais popular e um dos repositórios de informação mais visitados da Internet, seja a versão desta enciclopédia com mais artigos (4,034,519). Em segundo lugar está a Wikipédia alemã com 1,450,353 páginas, o que perfaz uma diferença de 178,17% de artigos a menos em relação à versão inglesa. (List of Wikipedias, s.d.)

Devido à sua imensa popularidade e proliferação nos campos culturais e industriais, o Inglês assume-se como a língua que melhor pode desempenhar o papel de língua universal. Esta é também a opinião partilhada por Pires (2000), que segundo ela: “Uma vez falhado o projecto do Esperanto (língua inventada em 1887, pelo linguista polaco Ludwig Zamenhof) como língua universal e, não sendo previsível encontrar outro projecto do mesmo tipo, deve-se admitir a possibilidade de adoptar uma das línguas já existentes e, na verdade, já há uma excelente alternativa: a Língua Inglesa” (p. 11).

Em suma, durante os séculos XVII e XVIII, a Língua Inglesa era o idioma da principal potência colonizadora do mundo, a Inglaterra. Entre o final do século XVIII e o início do século XIX, era a língua do país líder da Revolução Industrial, também a Inglaterra. Já no final do mesmo século, o Inglês passou a ser a língua da principal superpotência económica do mundo, os Estados Unidos da América. Os progressos tecnológicos adjacentes trouxeram novas oportunidades linguísticas que tornaram o Inglês a língua predominante das indústrias, expandindo a sua influência para o domínio da imprensa, publicidade, rádio, televisão, cinema, transporte e comunicação (Crystal, 2003). A Figura 2 ilustra, de forma mais clara, a disseminação da Língua Inglesa pelo mundo por influência das duas principais fontes impulsionadoras: a Inglaterra e os Estados Unidos da América.

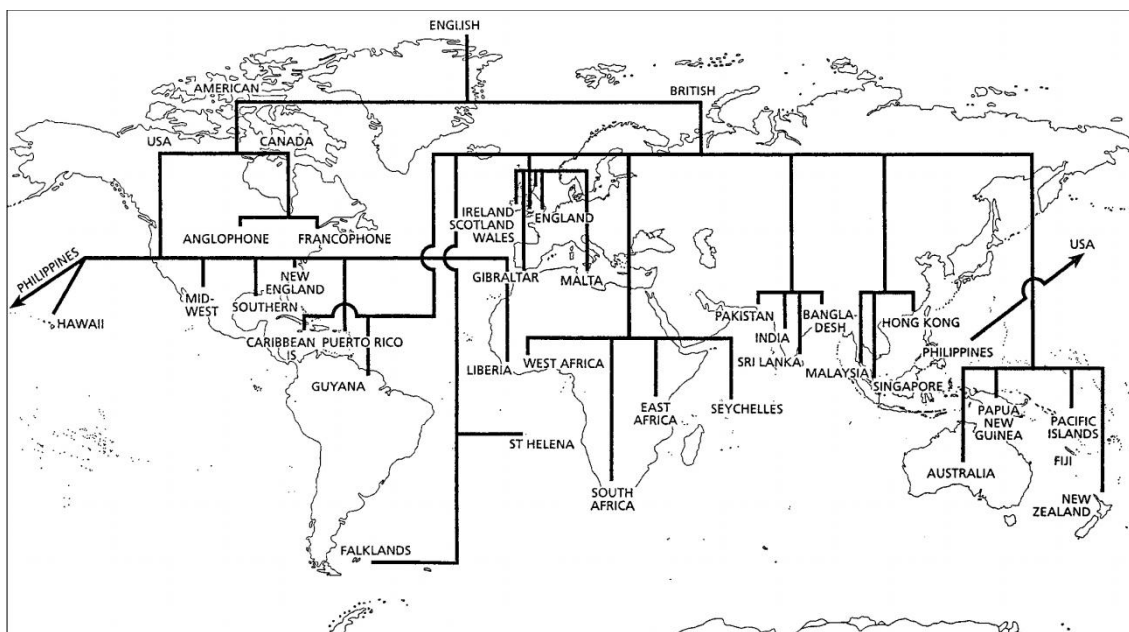


Figura 2. Árvore de descendência da Língua Inglesa (Crystal, 2003, p. 70)

E para melhor compreender o impacto da expansão da Língua Inglesa, o linguístico estadunidense Braj Kachru, (citado por Crystal, 2003), sugere a divisão dos falantes desta língua em três círculos concêntricos: o *inner circle*, que abrange os países onde o Inglês é a língua materna (Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia); o *outer* ou *extended circle*, que inclui países colonizados e que adotaram o Inglês como segunda língua (Singapura, Índia, Malawi, e cinquenta outros territórios); e o *expanding* ou *extending circle*, que abarca as nações que reconhecem o Inglês como uma importante língua internacional onde esta é ensinada como língua estrangeira (China, Japão, Grécia, Polónia). Como se pode verificar na Figura 3, tanto o segundo como o terceiro círculo são maiores do que aquele que representa o âmago da língua, o que corrobora a noção anteriormente apresentada de que a hegemonia da língua não se deve ao número de falantes nativos, mas ao poderio que lhes permitiu implementá-la e disseminá-la. Daqui também se pode concluir que o atual domínio desta língua assenta sobretudo no crescente número de falantes não-nativos, que perpetuam o estatuto do Inglês como língua global. Esta ideia vai ao encontro da previsão apresentada por Graddol quando este afirma que “Aqueles que falam Inglês além de outras línguas irão superar o número de falantes nativos e, cada vez mais, irão decidir o futuro global da língua” (2000, p.10).

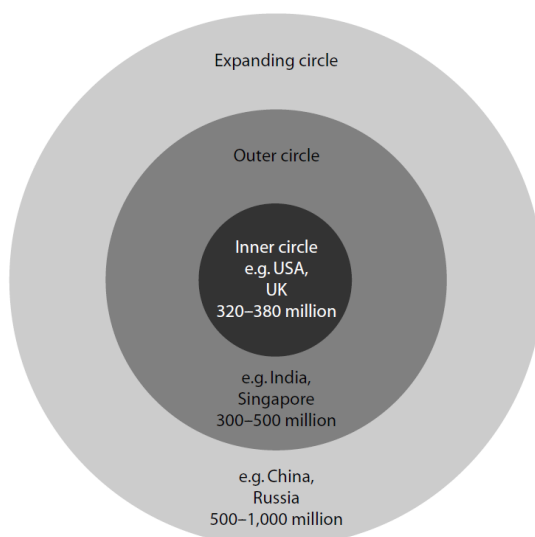


Figura 3. Os três círculos do Inglês  
Fonte: Crystal, 2003, p. 70

## 1.2. A importância de falar inglês no mundo profissional

Para Graddol (2000), o desenvolvimento económico é, por si só, um grande impulsionador da Língua Inglesa. O autor explica que, por um lado, mesmo que uma companhia não tenha a sua sede num país de Língua Inglesa, esta pode estabelecer um empreendimento conjunto, que normalmente adota o Inglês como *lingua franca*. Estes empreendimentos conjuntos carecem de documentos legais internacionais, que normalmente são escritos em Inglês, pois existe consenso internacional no que concerne o significado dos termos, obrigações e direitos. Esta necessidade pode exigir uma formação especializada em Inglês para os advogados, como é o caso da China onde se têm implementado estes cursos.

Por outro lado, uma empresa recentemente criada lida com comércio internacional, o que suscita a necessidade de trabalhadores no ramo das vendas e *marketing* com competências em Inglês. A transferência de tecnologia está igualmente associada ao Inglês, pois a maior parte das transferências provem de uma multinacional inglesa ou que usa o Inglês para o comércio externo. Esta transferência de tecnologia pode estender-se à expansão de infraestruturas associadas. Graddol (Idem) dá o exemplo dos engenheiros das fábricas de aço locais na região central da China, que aprendem Inglês para poderem instalar e manter centrais elétricas compradas na Alemanha e Itália. Além disto, os empreendimentos conjuntos originam um fluxo de exigências de clientes internacionais que necessitam serviços de apoio, tais como hotelaria e instalações turísticas. O respetivo quadro de funcionários recebe formação em Inglês para atender estes hóspedes.

Por fim, empregos em empresas novas podem ser mais bem remunerados e mais atraentes do que aqueles do setor público de uma economia em desenvolvimento. Ter qualificações em Inglês pode tornar-se uma necessidade de acesso, mesmo que o trabalho em si não exija Inglês. Nas atividades de comércio transnacional, é pouco provável que os trabalhadores falem a mesma língua, logo, o Inglês surge como uma língua intermediária e uma habilitação profissional.

A este propósito, Phillipson (1996, citado por Graddol, 2000), afirma que a Língua Inglesa é considerada uma língua de poder e prestígio, e falar Inglês fluentemente pode mesmo facilitar o acesso a determinadas profissões, pois os trabalhadores, nos dias de hoje, têm de adotar uma variedade de estilos linguísticos, em virtude das novas práticas de trabalho.

A globalização foi outro fator importante na proliferação da Língua Inglesa. Por um lado, os trabalhadores passaram a necessitar de um domínio mais aprofundado da Língua Inglesa, e por outro, uma grande porção da mão de obra passou a necessitar de trabalhar com uma língua internacional. A Língua Inglesa também desempenha um papel cada vez mais importante nos negócios internacionais, comunicações mundiais, e assuntos sociais e culturais, configurando-se como uma língua veicular para comunicação internacional (Graddol, 2000). Segundo Crystal (1997, citado por Graddol, 2000), 99% das organizações europeias, citam o Inglês como uma língua de trabalho.

Graddol (2000) afirmava que o Inglês (Americano) é hoje o principal idioma transnacional na cultura e nas artes, bem como ciência, tecnologia, comércio, transporte e no setor bancário. Outros autores, como Nunes (2000), defendem que o Inglês já não é diferencial num currículo, mas sim um requisito. Esta foi também a principal conclusão de uma importante conferência subordinada ao tema “Languages mean business”, que teve lugar em Bruxelas, no dia 21 de Setembro de 2007.

Para Graddol (2000), a proficiência em Inglês pode ser um fator discriminador entre aqueles que têm acesso à riqueza e informação e aqueles que não. Hagen (1993, citado por Graddol, Idem) argumenta que conhecer apenas uma língua não é suficiente para uma companhia prosperar na Europa: “um nível mínimo de competência linguística para uma empresa europeia é a capacidade de falar três” (p. 29), enunciando o Inglês em primeiro lugar.

Tondelli, Francisco e Carvalho (n.d.) dizem que anualmente gastam-se cerca de 60 mil milhões de dólares por todo o mundo com o ensino da Língua Inglesa. Trata-se de um investimento considerável, tendo em conta que é sete vezes mais do que aquilo que gasta indústria cinematográfica. Ammon (1995, citado por Graddol, 2000) explica este fenómeno:

“A língua de uma comunidade economicamente forte é atraente para aprender por causa do seu potencial comercial. O conhecimento da língua abre potencialmente o

mercado para os produtores entrarem, se eles conhecerem a língua do potencial cliente.” (p. 28)

Ainda segundo Tondelli et al. (n.d.), ao dominar um segundo, e até um terceiro idioma, “o indivíduo passa a ter um diferencial competitivo significativo, tornando-se esta habilidade um enriquecedor curricular, bem como um ganhador determinante nas disputas pelo mercado de trabalho” (p. 1). Marcondes (2001), citado por estes autores, afirma que “falar inglês fluentemente hoje em dia tornou-se algo tão essencial como saber assinar o próprio nome” e “no mundo globalizado, em que qualquer pequeno deslize pode significar um grande prejuízo financeiro ou mesmo de reputação, falar a língua mundial tornou-se uma questão de primeira necessidade” (p. 3).

Para Nunes (2000), enquanto outrora saber Inglês “era um tópico do currículo que valorizava o profissional” agora “tornou-se um requisito obrigatório nas grandes empresas”. O diretor de Marketing do Grupo Foco, Miguel Barros, também partilha desta opinião quando afirma que “o inglês é básico. Há muito tempo ele deixou de ser um diferencial para ser uma exigência. Na maioria dos processos de seleção, quem não fala fluentemente nem é chamado para fazer a entrevista. Quem não domina o inglês simplesmente não tem vaga no mercado de TI” (Tondelli et al., n.d., p. 4).

Numa entrevista, Gabriela Eremkin, a Gerente de Marketing da Apple, afirma que “Se todos falarem Inglês, a comunicação já é possível, tanto dentro da empresa quanto em negociações externas. Até as empresas espanholas preferem negociar em inglês” e conclui dizendo que “o domínio da língua inglesa ainda é suficiente para o sucesso de profissionais de TI” (Idem, p. 5).

Silvana Case, diretora executiva da consultoria de recursos humanos CATHO, garante que ser fluente noutros idiomas é essencial para cargos de gerência e diretoria ou outros que impliquem contacto direto com clientes ou outras empresas (Idem).

Em suma, Tondelli et al. (n.d.) consideram que falar um idioma fluentemente já não é apenas um diferencial profissional, mas sim um pré-requisito para singrar no mercado de trabalho. Relativamente ao Inglês, estes autores referem que as grandes empresas dificilmente aceitam quem não domina este idioma por ser esta a língua de eleição para a comunicação, tanto no mundo empresarial e de negócios.

### **1.3. A língua das publicações científicas**

Segundo os dados avançados por Schütz (2010), há “estimativas de que 85% das publicações científicas do mundo; 75% de toda comunicação internacional por escrito, 80% da informação armazenada em todos os computadores do mundo e 90% do conteúdo da Internet são em inglês” e é através do domínio dessa informação que o homem poderá alcançar o sucesso

económico e financeiro. Este autor prevê ainda que o “dinheiro e riqueza material serão substituídos por informação e conhecimento, como fatores determinantes na estruturação da futura sociedade humana e proficiência na linguagem de então será essencial para se alcançar sucesso”.

A hegemonia da Língua Inglesa na comunicação científica, quer escrita, quer falada, é tão flagrante que Aquiles Araújo Barros (1999), professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, escreveu um artigo publicado no jornal *Público*, onde criticou utilização do Inglês na apresentação de teses de doutoramento em universidades portuguesas. Outros autores, no entanto, consideram que “ciência em inglês é um imperativo. Se considerarmos que mais de 95% dos artigos na base de dados do *Science Citation Index* está em língua inglesa” (Vasconcelos, 2008, p.5).

Para Vasconcelos (Idem) enquanto a implementação do Esperanto como língua independente e universal falhou, o Inglês assume-se como língua universal. Esta importância verifica-se até em algumas revistas científicas alemãs prestigiadas que, para além de só publicarem artigos em Inglês, mudaram o seu título originalmente Alemão para Inglês. Este foi o caso da *Archiv für Microbiologie* que passou a chamar-se *Archives of Microbiology e a Zeitschrift für Pflanzenzuchtung* passou a ser *Journal of Plant Breeding*. O mesmo se verificou com vários jornais que abandonaram publicações na sua língua, e passaram a fazê-lo em Inglês. Segundo Graddol (2000), quase dois terços das publicações de cientistas franceses eram em Inglês. Viereck (1996, citado por Graddol, 2000) reporta que em 1950 todas as contribuições para o jornal *Zeitschrift für Tierpsychologie* eram feitas em Alemão, mas em 1984, 95% já eram feitas em Inglês. Segundo o mesmo autor, o jornal mudou de nome para *Ethology* dois anos mais tarde.

De acordo com Graddol (2000), a Língua Inglesa é a mais usada a nível mundial em publicações literárias, sendo que mais de 60 de países publicam títulos em Inglês. Os E.U.A. e o Reino Unido são atualmente os países que mais livros publicam em todo o mundo (Bowker, 2012; Goldfarb, 2006).

A predominância e preferência da Língua Inglesa também se verificam no nosso país ao nível estatal. De acordo com Fidalgo (2006), no sítio de Internet do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior todos os documentos assinados entre o Estado e instituições privadas estrangeiras tinham apenas uma versão em Inglês. E ainda segundo o mesmo autor, a investigação científica em Portugal só é passível de financiamento estatal se os projetos aos concursos da Fundação para a Ciência e Tecnologia forem submetidos em Inglês. É um facto assente que quem publica a sua pesquisa em idiomas que não o Inglês corre o risco de ver o seu trabalho ignorado pela comunidade internacional (Crystal, 2003).

A este propósito, Alcindo Augusto Costa (2006) teceu as seguintes considerações:

“tanto na linguagem falada como na escrita, mesmo até de alguns governantes, escritores ou pseudo escritores, como nos quadros superiores da Administração Pública, como e principalmente nos diversos meios de comunicação social, impera actualmente a língua inglesa, a tal ponto que até o nome ou designação de muitos dos programas televisionados é em inglês e são muitos os jornalistas que nas suas mais simples crónicas utilizam desnecessariamente uma ou mais palavras inglesas. A língua inglesa é também cada vez mais pródiga e desnecessariamente utilizada em Portugal a nível comercial, industrial, contabilístico e informático”.

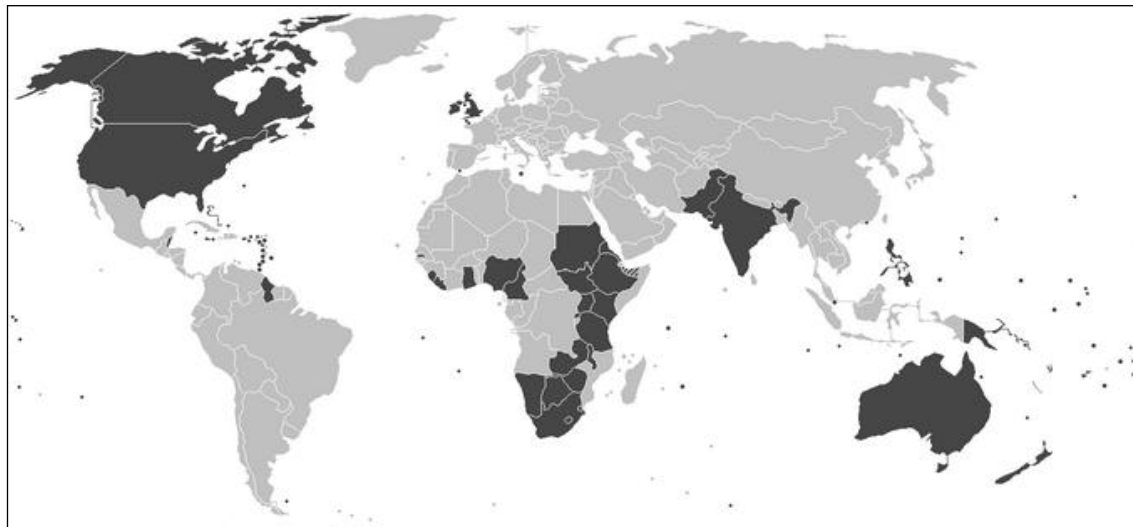
Mais recentemente, num artigo publicado no jornal *Público*, Carvalho (2012) dá conta de um movimento iniciado por um grupo de investigadores portugueses, espanhóis, brasileiros e argentinos contra a “ditadura” do Inglês na produção científica. No manifesto intitulado “Pela Universalidade da Divulgação da Produção Científica” a circular pela Internet, estes autores insurgem-se contra a publicação de investigações científicas apenas ou sobretudo em Inglês, tratando-se de um ato de “visão curta”, “parcial” e “discriminatório”. É parcial por que “contempla uma língua, uma cultura, assumindo que essa é a cultura e língua de referência, o que a história mostra não ser verdade” e discriminatório porque “foca a investigação e os interesses dos países ricos, que têm problemas e interesses específicos que em pouco coincidem com os dos restantes países”. Para mudar este paradigma, os autores propõem uma série de propostas a investigadores sobretudo da Península Ibérica e da América Latina, no sentido de alcançar a “universalização da divulgação científica”, como por exemplo, escrever textos científicos na língua materna desses países. Os autores concluem que o impacto da produção científica deve ser avaliado na comunidade onde é desenvolvida, e só depois nas outras, e acrescentam ainda que “pelo menos 30% das publicações apresentadas por um investigador devem ser escritas na língua nacional”.

#### 1.4. Quem fala Inglês?

Como já referimos anteriormente, a globalização contribuiu para a proliferação da Língua Inglesa, pois este fenómeno ligou pessoas de diferentes origens, criando a necessidade de comunicarem entre si tanto a nível pessoal como profissional. Assim, com a globalização, a comunicação, tanto escrita como falada, passou a assumir um papel primordial na interação entre as pessoas (Tondelli et al., n.d.). Também os progressos tecnológicos romperam com as barreiras geográficas e linguísticas e aproximaram os povos, despoletando a necessidade de uma língua comum que possibilitasse a comunicação e troca de ideias.

Ao longo da história, a hegemonia de uma língua esteve intimamente associada à supremacia económica e política de um povo sobre o outro. Durante muito tempo foi o Latim, disseminado pelo Império Romano. Anos depois, e até aos dias de hoje, foi o Inglês que passou a ocupar a posição de *lingua franca*. A Língua Inglesa é considerada como a língua universal dos nossos dias, pois não só é a língua principal e secundária de milhares de falantes e a língua estrangeira mais procurada no ensino, como também o idioma do comércio internacional.

Atualmente existem 56 estados soberanos e 28 entidades não soberanas onde o Inglês é uma língua oficial reconhecida por lei, língua *de jure*, e quatro onde é uma língua *de facto* (Reino Unido, E.U.A., Austrália e Nove Zelândia). A ilustração da afluência desta língua nestes termos pode ser observada na Figura 4.



**Figura 4. Mapa das nações onde o Inglês é uma língua oficial ou uma língua predominante**  
Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_countries\\_by\\_spoken\\_languages](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_by_spoken_languages)

Se atendermos ao facto de a Língua Inglesa ser falada por falantes nativos, por não-nativos que pretendem estabelecer negócios no estrangeiro, e por pessoas que simplesmente pretendem visitar o mundo, e se tivermos em conta o número de falantes que aprendem Inglês como língua estrangeira, podemos afirmar que esta língua é falada em todos os cantos do mundo. Nos dias de hoje, quem não sabe Inglês tem mais dificuldades em comunicar com cidadãos de diferentes nacionalidades. Segundo Marcondes (2001, citado por Tondelli et al., n.d.) “falar inglês fluentemente hoje em dia tornou-se algo tão essencial como saber assinar o próprio nome.”

De acordo com a “International Encyclopedia of Linguistics”, a Língua Inglesa é mais falada do que qualquer outra língua, a seguir ao Chinês, que é a língua mais falada devido à imensa dimensão populacional da China (York, 1999). Contudo, no que diz respeito ao número concreto de falantes da Língua Inglesa, as opiniões e os dados variam, sobretudo quando se fracionam os falantes nas categorias de falantes nativos, ou seja, aqueles que a falam como primeira língua (L1); aqueles que a falam como segunda língua (L2); e por fim, aquele que a aprendem como língua estrangeira (LE).

Segundo os cálculos da “An Encyclopedic Dictionary of Language and Languages”, estima-se que o Inglês seja falado por 1.500.000.000 pessoas, sendo a principal língua das publicações, da ciência e tecnologias mundiais, do comércio, computação, assim como das comunicações e políticas internacionais, comunicação empresarial e comunidades académicas (York, 1999).

No seu artigo, “Top Languages: The World’s 10 Most Influential Languages”, George Weber (1997) constata que o Mandarim é falado por 1,1 mil milhões de falantes nativos, enquanto o Inglês ocupa o segundo lugar com 330 mil milhões de falantes. No entanto, segundo dados apurados pelo Dr. Bernard Comrie no seu artigo “Encarta Encyclopedia”, o Inglês já ocupa a quarta posição (com 322 mil milhões de falantes), precedido pelo Mandarim, Hindi e Espanhol (The World’s Most Widely Spoken Languages, s.d.). Por outro lado, o *Summer Institute for Linguistics* lista a Língua Inglesa com o mesmo número de falantes (322 mil milhões), em terceiro lugar, depois do Chinês e do Espanhol (Idem).

Já segundo Crystal (2003), existem cerca de 329 milhões de falantes L1. Relativamente aos falantes L2, estes rondam os 430 milhões, e o autor estima ainda que cerca de 750 milhões de pessoas aprenderam o Inglês como LE. Por seu lado, Graddol (2000) calcula que o número de falantes L1 atinja os 375 milhões, e projeta que em 2050 esse número rondará os 508 milhões, distribuídos por cerca de 50 países ou regiões. Se adicionarmos o número de falantes L1 com falantes L2 (375 milhões) e falantes LE (750 milhões) apurados por Graddol, o número total de falantes da Língua Inglesa perfaz os 1.5 mil milhões, indo ao encontro das estimativas de York (1999) e Crystal (2003) e destronando o Mandarim como a língua mais falada.

Também na União Europeia, onde há 23 línguas oficiais reconhecidas, é a Língua Inglesa que se assume como o veículo predominante de comunicação que possibilita o entendimento entre os diversos parceiros oriundos dos 27 Estados-Membros.

Recentemente, a pedido da Comissão Europeia e do *Directorate-General for Communication*, o consórcio *TNS Opinion & Social* conduziu um inquérito EUROBAROMETER intitulado “Europeans and their Languages” com o objetivo de avaliar as atitudes dos Europeus em relação ao multilinguismo. Entre 25 de fevereiro e 11 de março de 2012, foram entrevistados 26,751 cidadãos dos 27 Estados-Membros da União Europeia, com idades desde os 15 anos.

Relativamente à população da União Europeia, o Inglês é a segunda língua materna mais falada (13%), logo depois do Alemão (16%) que ocupa o primeiro lugar. Contudo, no que concerne a língua estrangeira mais falada, o Inglês encontra-se em primeiro lugar, com 38% de falantes, seguida do Francês (12%), Alemão (11%), Espanhol (7%) e Russo (5%). O Inglês é a língua mais falada em 19 dos 25 Estados-Membros da EU onde ela não é uma língua oficial.

Segundo este relatório, um quarto dos europeus (25%) são capazes de acompanhar as notícias de rádio e televisão na Língua Inglesa, fazendo desta a mais amplamente compreendida na Europa, bem como a mais difundida, com a mesma percentagem de europeus (25%) capazes de ler um artigo de jornal ou revista nessa língua. Uma percentagem ligeiramente maior (26%) afirma ser capaz de comunicar *online* em Inglês (e.g. email, Twitter, Facebook etc.).

Aos participantes deste inquérito foi-lhes pedido para indicarem duas línguas, além da sua língua materna, que considerassem úteis para o seu desenvolvimento pessoal. A Língua Inglesa foi enunciada por dois terços dos europeus (67%). As outras línguas mais frequentemente mencionadas incluem o Alemão (17%), o Francês (16%), o Espanhol (14%) e o Chinês (6%). Ao nível nacional, Língua Inglesa foi indicada por quase todos os entrevistados na Holanda (95%), Chipre e Malta (94% em cada), Suécia (93%) e Dinamarca (92%). Por outro lado, Portugal encontra-se entre o grupo de países onde apenas uma pequena amostra (53%) considera o Inglês como uma língua útil.

Enquanto 67% mencionam o Inglês como uma língua importante para o seu desenvolvimento pessoal, é ainda maior a percentagem de respondentes (79%) a considerem-na importante para as crianças aprenderem e útil para o seu futuro. As outras línguas mencionadas foram o Francês e o Alemão (20%), o Espanhol (16%) e o Chinês (14%) (Eurobarometer & European Commission, 2012). Pode ver-se pelas respostas a este inquérito o papel da Língua Inglesa num meio tão linguisticamente diversificado como a União Europeia, bem como a importância que lhe é atribuída pelos europeus.

O Inglês como *lingua franca* emergiu como um mecanismo para diluir as barreiras da comunicação internacional num mundo linguística e culturalmente diversificado, e ela é hoje a *lingua franca* dos negócios internacionais no ocidente e na diplomacia. Esta é considerada em muitos países como uma língua intermediária entre povos de diferentes línguas (Greenbaum, citado por Seidlhofoe, 2009), funcionando assim como *lingua franca* entre falantes não-nativos. Graddol (2000) dá um exemplo de um vendedor alemão que, a conduzir negócios na China, é provável que use o Inglês. Segundo Crystal (1997, citado por Graddol, 2000), “nunca houve uma língua tão amplamente difundida ou falada por tantas pessoas como o Inglês” (p. 139).

#### **1.4.1. A importância do ensino da Língua Inglesa**

Segundo Schütz (2004), o monolinguismo é o analfabetismo do futuro e uma ameaça às futuras gerações, e ser bilingue configura-se como condição *sine qua non* para a integração no mercado de trabalho e comunidade global.

De acordo com Graddol (2000), o Inglês é a língua estrangeira mais aprendida na União Europeia e isto compreende-se facilmente se tivermos em consideração que a aprendizagem da Língua Inglesa pode permitir um acesso mais facilitado aos progressos científicos e tecnológicos, bem como a participação ativa numa sociedade de informação, e melhorar as perspectivas de trabalho (Pires, 2000).

De acordo com Graddol (2000), 60,3% dos estudantes europeus de línguas modernas estudam Inglês. Note-se que esta afirmação foi feita há dez anos, enquanto Moreira (2006), seis anos

mais tarde, afirma que já são 90% dos alunos europeus que estudam Inglês por escolha própria ou por imposição. Na China, por exemplo, cuja língua materna é a mais falada do mundo devido ao número da sua população, existem 100 milhões de crianças a estudar Inglês. Power (2005) ressalta o facto de este número ultrapassar o número de cidadãos Britânicos. Gus Hooke, citado por Graddol (2000), previu que em 2010 o Inglês seria a língua mais procurada pelos estudantes, e que em 2025 a procura de cursos de especialização em Inglês irá sextuplicar.

Segundo Crystal (2003), o Inglês é a Língua Estrangeira mais ensinada pelo mundo, abrangendo mais de 100 países, e na maior parte deles está a consolidar-se como a principal LE ensinada nas escolas.

O ensino da Língua Inglesa em Portugal remonta à primeira metade do século XIX, quando foi integrado nos currículos nacionais com a reforma de Passos Manuel em 1836, que implementou o ensino liceal (Decreto Real de 17 de Novembro de 1836). Portugal foi também dos primeiros países a promulgar o ensino do Inglês no 1º ciclo do ensino básico com a Lei de Bases de 1986, mas só desde 2005 é que este ensino tem sido executado de forma generalizada, pese embora sem currículo próprio nem definido, e de frequência não obrigatória. Com o Programa de Generalização do Ensino de Inglês, o ensino da Língua Inglesa, então apenas nos 3º e 4º anos de escolaridade do ensino básico público, era apresentado “como oferta educativa extracurricular gratuita, que permite desenvolver competências e fomentar o interesse pela aprendizagem deste idioma ao longo da vida, bem como aumentar a competitividade dos trabalhadores e da economia portuguesa” (Despacho nº 14 753/2005 (2ª série). Em 2008, “considerando o sucesso alcançado com o lançamento em 2005 do Programa de Generalização do Ensino do Inglês nos 3.º e 4.º Anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico” este programa foi estendido também aos 1º e 2º anos (Despacho nº 14460/2008).

A importância atribuída pela tutela à Língua Inglesa está bem patente nas Orientações Programáticas para o Ensino e a Aprendizagem do Inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico, que reconhecem a “relevância da introdução da aprendizagem da Língua Inglesa enquanto língua de comunicação internacional por excelência e instrumento das novas tecnologias de informação”, o “seu carácter essencial para a construção de uma consciência plurilingue e pluricultural, conforme o Quadro Europeu Comum de Referência enuncia, e “os benefícios que o desenvolvimento precoce de uma competência comunicativa numa língua universal como o Inglês necessariamente implica, no contexto da crescente mobilidade de pessoas no espaço da União Europeia; e o “seu contributo, tido por fundamental, para a construção da cidadania” (Ministério da Educação, 2005, p. 9).

O grande objetivo estratégico da Estratégia de Lisboa era “constituir, até 2010, a economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um

crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e com maior coesão social” (União Europeia, s.d.). Para isso, seria essencial implementar mecanismos para aumentar as competências do cidadão, sendo um dos quais a aprendizagem de línguas estrangeiras, como forma de preparar o cidadão para a profissão e de facilitar a sua integração no mercado de trabalho. Esta língua não tinha de ser à partida o Inglês, mas em Portugal tradicionalmente tem sido esta a língua estrangeira mais ensinada. Esta tendência está contemplada, como já vimos, no Programa de Generalização do Ensino de Inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico, e mais recentemente na recente Revisão da Estrutura Curricular do Ministério da Educação e Ciência que impõe a Língua Inglesa como língua obrigatória no 2º e 3º ciclos (Decreto-Lei n.º 139/2012).

#### 1.4.2. A Língua Inglesa pelo mundo

Crystal (2003) nota que onde quer viajemos, encontramos sinais e anúncios em Inglês, e qualquer hotel ou restaurante de uma cidade estrangeira terá um menu em Inglês e os seus funcionários compreenderão essa língua. Quando se planeiam férias, reuniões de negócios, conferências académicas, convenções internacionais, reuniões comunitárias, eventos desportivos, ocupações militares e outros encontros "oficiais", os preparativos do transporte e hospedagem são feitos através do uso do Inglês como língua auxiliar. É também cada vez mais comum encontramos as instruções de segurança em viagens aéreas ou marítimas internacionais, informações sobre os procedimentos de emergência em hotéis, e direções para locais importantes em duas línguas: em Inglês e na língua local.

Ainda segundo este autor, o Inglês é considerado o idioma internacional do mar, a língua recomendada das viagens aéreas internacionais, bem como a principal língua auxiliar de qualquer organização, onde quer que esta esteja sediada. Em qualquer evento de notoriedade mundial transmitido na televisão, é comum verem-se mensagens escritas em Inglês, independentemente da língua materna local, pois é um facto assente que uma causa terá mais visibilidade se a mensagem for expressa em Inglês (Crystal, 2003).

A presença da Língua Inglesa no mundo dos negócios e no mundo no lazer é incontestável. Logo, quando uma língua estrangeira está tão enraizada no quotidiano de uma cultura, a sua influência na língua materna é incontornável e inevitável. Enquanto outrora, a maioria dos estrangeirismos importados para a nossa língua eram de origem Francesa, nos dias de hoje verifica-se que os mesmos surgem quase sempre em Inglês. Na nossa língua podemos encontrar vários empréstimos, isto é, palavras de origem inglesa que foram posteriormente adaptadas morfológicamente à nossa língua (*cartoon* - cartune; *football* - futebol; *cowboy* - cobói; *site* - sítio;). Contudo, são mais os estrangeirismos que ouvimos e usamos no dia a dia, ou seja, palavras importadas diretamente para a nossa língua. Isto é fácil de compreender se tivermos em conta a constante importação de “objetos ou modelos que não possuem

nomenclatura equivalente na língua portuguesa” para a nossa cultura (Gois, n.d.), como é o caso da tecnologia.

Posto isto, podemos constatar uma miríade de palavras provenientes de terminologia cibernética ou associadas à tecnologia: *android, Apple, background, back-up, blog, CD (Compact Disc), crack, cyber café, cyberspace, download, drive, DVD (Digital Versatile Disc), e-mail, flash disk, hardware, HD (High Definition), homepage, interface, Internet, iPad, iPhone, iPod, LAN house, laptop, laser, link, log-in, log-out, lol (laughing out loud ou lots of laughs), mainframe, megabit, Messenger, microchip, modem, motherboard, mouse, newsletter, offline, online, password, pen drive, phishing, refresh, router, scanner, screensaver, server, site, slide, smartphone, SMS (short message service), software, spam, tablet, template, Trojan, troll, voice-mail, web, webcam, wireless, etc.*

Este fenómeno também se verifica na restauração e culinária, onde usamos e lemos palavras como *bacon, bar, barman, drive-thru, fast food, hamburger, happy hour, hotdog, ketchup, McDonalds, milk shake, pickle, scone, self-service, snack-bar, waffle, etc.*

O mundo da música é outro domínio onde somos expostos, de forma bastante proeminente, a conceitos como *acid-jazz, blues, cover, DJ (Disc Jockey), encore, funk, grunge, heavy-metal, hip-hop, jam-session, play, playlist, pop, rap, reggae, remix, rock, show, single, soul, soundcheck, swing*, entre outros.

Em qualquer lado podemos ver espalhados sinais ou letreiros com palavras ou abreviaturas Inglesas, como, por exemplo, *Stop* e *WC (Water Closet)*. Esta exposição a anglicismos também é profusamente propagada, e talvez até imposta, pelos próprios meios de comunicação, quer em anúncios publicitários, jornais, ou revistas, e até mesmo nos próprios noticiários, onde lemos e ouvimos de forma gratuita palavras como *carjacking, design, fashion, franchising, jackpot, jingle, lay off, leasing, magazine, marketing, offshore, performance, ranking, share, slogan, spread, etc.*

A maioria dos desportos mais populares dos tempos modernos teve origem em países de Língua Inglesa, ou pelo menos foram desenvolvidos e popularizados lá. Logo, não é de estranhar que a maioria da terminologia desportiva tenha sido adotada pela nossa língua, uma vez que, tal como outras culturas, nós importámos muitos destes desportos. Ainda que a grande maioria dos nomes destes desportos tenham sido adaptados à grafia da Língua Portuguesa, muitas das suas terminologias mantêm a sua origem linguística, como podemos ver nas palavras: *body board, body-building, bungee-jumping, canyoning, court, croquet, doping, fair play, fitness, handicap, jogging, paintball, play-off, putter, rafting, skate, snooker, squash, step, windsurf*, entre outros.

Finalmente, em conversas dos vários domínios da vida social, cultural e económico, podemos contemplar o recurso a palavras que são do entendimento geral por estarem tão impregnadas na nossa cultura: *after shave, bike, bikini, blazer, body, bypass, check in, check-up, coffee break, feedback, jeans, lifting, ok, pacemaker, personal trainer, piercing, pub, shopping, slow motion, spray, timing, top, tuning, Tupperware, etc.*

### 1.5. O futuro do Inglês

Graddol (2000) levanta a hipótese do Inglês vir a ser “substituído por uma oligarquia de línguas, incluindo o Espanhol e o Chinês” (p. 7), e a propósito da última, o autor afirma ainda que “o crescimento do comércio intrarregional e as transações financeiras entre negócios de Língua Chinesa irá sem dúvida reforçar o papel do Mandarim ou outra língua Chinesa, como o Cantonês, partilhada pelos interlocutores como língua materna, como *lingua franca* regional” (p. 37). Contudo, treze anos após esta afirmação ter sido feita, Li (2010) conduziu um estudo intitulado “O Papel do Inglês em Negócios Internacionais: o Caso da China” no qual apurou que o Inglês ainda é a língua estrangeira dominante na China, e o respetivo governo considera-a “uma ferramenta importante para a modernização, inovação científica e tecnológica, assegurando que o Inglês vai manter seu papel dominante no futuro próximo” (p. 148). Constata-se também neste estudo que a aprendizagem e uso do Inglês na China continuam a crescer, como se pode verificar no número substancial de conferências internacionais realizadas no país em 2010. O concomitante número crescente de escolas internacionais e de línguas, nas grandes cidades, também é sintomático da procura do Inglês pelo consumidor e pelo mercado. Há também cada vez mais membros da classe média chinesa a falar Inglês, o que tornou a língua num símbolo do estatuto económico. Li (2010) conclui que todos estes fatores reforçam o papel dominante do Inglês nas comunicações internacionais na China, garantindo que este idioma continuará a ser a língua dominante no setor dos negócios e da educação chines.

Em suma, o Inglês é a *lingua franca* mundial invicta e não há razões para acreditar que nas próximas décadas surgirá outra língua que venha a suplantá-la. Para alguns especialistas do campo dos estudos linguísticos, o Inglês é o “Latim do século XX”, destinado a continuar a ser, num mundo cada vez mais internacionalizado, o veículo transportador de conhecimento tecnológico, científico e cultural” (Pires, 2002). Esta opinião é igualmente partilhada por Andrzej Diniejko (n.d.), que afirma que “é efetivo afirmar que o inglês se tornou a língua principal a nível mundial e a sua importância continua a crescer”. E apesar de também se verificar uma tendência para uma proliferação da língua Castelhana, tudo aponta para que o Inglês continue a disfrutar duma posição especial na sociedade multilingue do século decorrente, sendo a única a aparecer na miscelânea de línguas em todas as partes do mundo (Graddol, 2000).

## 2. A motivação na aprendizagem da Língua Inglesa

Existem alunos que se interessam pela aprendizagem da Língua Inglesa e que a consideram importante, mas, por outro lado, também há aqueles que a consideram desinteressante e insignificante. Perante isto, configuram-se as perguntas: Porque não querem alguns aprender uma língua que está em todos o lado, desde na Internet, músicas, e filmes? Não gostam da língua porque é difícil ou porque não reconhecem uma relevância imediata na sua realidade? Qual é o papel e peso da motivação na aprendizagem de uma língua estrangeira.

A vontade de aprender pode, na verdade, ser um importante ímpeto para o sucesso da aprendizagem, mas Revuz (1998) ressalta a importância da dimensão afetiva neste processo, quando diz que “afirmar que o desejo de aprender é o verdadeiro motor da aprendizagem é forçar uma porta aberta. Muito frequentemente, contudo, chega-se a esta porta, mas ela não é transposta. A importância da ‘dimensão afetiva’, mas quase não há trabalhos, pode investir-se na aprendizagem de uma prática tal como o esqui ou o piano, de um saber como a história ou a química.” (p. 216) Será que os alunos se identificam com a língua estrangeira? Será que se o fizessem, teriam mais facilidade para aprendê-la?

### 2.1. Behaviorismo, cognitivismo, construtivismo

Segundo os estudos desenvolvidos por Dörnyei (1998, citado por Brown, 2000), a motivação é a chave do sucesso para a aprendizagem, e a propósito desta noção, Brown (2000) enuncia vários conceitos de motivação lavrados ao longo das décadas.

O *behaviorismo* diz que a motivação provém do reconhecimento e do reforço positivo de comportamentos bem-sucedidos, estando deste modo sujeito a influências externas.

Já segundo a teoria do *cognitivismo*, a motivação vem do interior do sujeito. Nesta teoria, Ausubel (1968, citado por Brown, 2000) identificou seis necessidades que impelem o sujeito a agir. A necessidade de “exploração”, ou seja, de ir à procura do desconhecido; a necessidade de “manipulação” do meio ambiente; a necessidade de “atividade” física e mental; a necessidade de “estímulo” ambiental, intelectual, e humano; a necessidade de “conhecimento”, que implica processar e interiorizar os resultados da exploração, manipulação, atividade e estimulação para a resolução de problemas e encontrar sistemas de conhecimento concreto; e por fim a necessidade de “melhoria do ego” para que a pessoa seja conhecida e reconhecida e aceite pelos outros.

Por fim, o *construtivismo* tem em conta as escolhas do indivíduo dentro do seu contexto social. Isto é, cada pessoa é motivada de maneiras diferentes, logo, as suas ações obedecem às idiossincrasias de cada indivíduo no seu meio ambiente.

## 2.2. Motivação integrativa e instrumental

Gardner e Lambert (1972) apresentam dois tipos de motivação: a integrativa e a instrumental. A motivação integrativa acontece quando o sujeito deseja aprender uma língua para fazer parte de um grupo etnolinguístico, isto é, quando deseja integra-se numa cultura estrangeira. A motivação instrumental, por outro lado, consiste na aprendizagem da língua por necessidades profissionais ou de estatuto social.

A motivação para aprender uma língua estrangeira é um fator inerente a cada aluno. Cada um tem as suas razões para aprendê-la, e estas podem influenciar o sucesso ou o insucesso da sua aprendizagem. Esta motivação é também uma variável inconstante e mutável. Numa fase inicial, os alunos podem estar muito motivados, mas o nível de motivação pode diminuir gradualmente. Kleppin (2004, citado por Figueiredo, 2011) argumenta que na fase inicial do processo de aprendizagem duma língua estrangeira, a motivação tende a ser grande, mas não pode ser mantida por muito tempo para alcançar a meta (por exemplo, capacidades de comunicação compreensivas). Portanto, é necessário que o aluno trace destinos próximos que sejam de importância pessoal para ele, o sucesso é visível e pode ser alcançado de forma gradual. Esses objetivos claros de curto prazo e aceites pelos alunos apoiam o desenvolvimento de expectativas realistas sobre os resultados das nossas próprias atividades. Por outro lado, o inverso também pode acontecer, na medida em que o aluno pode estar pouco motivado para a aprendizagem da língua, mas posteriormente pode começar a sentir-se mais motivado.

Na aprendizagem duma língua estrangeira, é essencial que os aprendentes reconheçam a dimensão pragmática e a relevância imediata do seu uso na sua realidade. Assim, as estratégias usadas pelo professor devem ir ao encontro destes objetivos no sentido de fornecer ao aluno objetivos concretos e alcançáveis, criando assim um maior envolvimento e motivação do mesmo na aprendizagem da língua.

## 2.3. Motivação intrínseca e extrínseca

Paralelamente aos conceitos de motivação integrativa e a instrumental surgem outros dois tipos de motivação: intrínseca e extrínseca. Como o nome indica, a motivação intrínseca implica uma vontade inata do próprio sujeito para aprender, como curiosidade ou realização pessoal independentemente de fatores externos (motivação integrativa). É considerada uma motivação natural, pois parte do próprio indivíduo e rege-se pelos seus interesses genuínos. Já com a motivação extrínseca, a vontade de aprender advém de fatores externos, ou seja, uma necessidade académica, social ou profissional (motivação instrumental) (Brown, 2000; Figueiredo, 2011).

A motivação intrínseca ocorre se a "curiosidade natural e interesse energizar a sua aprendizagem. Quando o ambiente educacional proporciona desafios ideais, ricas fontes de estimulação, e um contexto de autonomia, esta fonte de motivação da aprendizagem é provável que floresça" (Deci & Ryan 1985, p. 245). Na execução de uma atividade intrinsecamente motivada, "experiencia-se alegria (envolvimento emocional), e [o aluno] sente-se autodeterminado, competente e desenvolve-se a criatividade. A atividade será para seu próprio bem, não pela antecipação das suas consequências" (Müller, 2003, p. 10).

Contrariamente à motivação intrínseca, a motivação extrínseca assenta em fatores e recompensações externos. A aprendizagem da língua estrangeira aqui é encarada como um meio para atingir um fim. As razões podem prender-se com a obtenção de resultados quer a nível académico quer a nível profissional. O objetivo do aprendente pode ser a obtenção de boas notas ou adquirir qualificações para se candidatar a um trabalho.

Gardner e Lambert (1972), dois autores pioneiros nos estudos sobre a motivação para a aprendizagem de uma língua estrangeira, exortam a motivação integrativa, em detrimento da instrumental, pois, segundo eles, esta configura-se como um meio para chegar a um fim, e defendem que é a integrativa que deve orientar os alunos no processo de aprendizagem.

Contudo, estes dois tipos de motivação não são mutuamente excludentes, e de acordo com Pulver (2011, citado por Figueiredo, 2011), elas podem estar simultaneamente presentes num mesmo indivíduo. As razões que impelem o aprendente podem resultar de uma combinação da motivação intrínseca e extrínseca. Sendo assim, pode falar-se duma aprendizagem motivada por agentes integrativos ou instrumentais, ou seja, motivação integrativa (intrínseca) e motivação instrumental (extrínseca).

Em suma, a motivação tem um papel preponderante na aprendizagem de uma língua estrangeira que pode muito bem determinar o sucesso ou insucesso do aprendente. Contudo, este é um processo complexo, volátil e suscetível, sendo assim difícil de definir de uma forma abrangente e genérica, pois ela está dependente tanto de fatores inerentes ao aprendente, ou seja, os seus objetivos pessoais, como também de fatores alheios ao mesmo, tais como as estratégias desenvolvidas por quem ensina.



## **II. ESTUDO EMPÍRICO**



### 3. Questão de investigação e objetivos do estudo

Assim que iniciei funções como professor de Inglês no Centro de Formação Profissional de Castelo Branco, desde o ano letivo de 2008 até à presente data, deparei-me com formandos cuja maioria apresentava, no âmbito da Língua Inglesa, uma enorme falta de pré-requisitos essenciais no domínio do vocabulário, conteúdos gramaticais e também à ausência de métodos de estudo e hábitos de trabalho. Através do contacto direto com outros colegas e da partilha de experiências e preocupações, constatou-se que esta problemática era comum entre a generalidade dos formandos. O facto de isto se verificar num Centro de Formação Profissional revela-se especialmente preocupante, tendo em conta que um dos seus principais objetivos é a formação e qualificação de jovens e adultos, visando a sua integração no mercado de trabalho, onde a Língua Inglesa tem um papel de destaque em diversas valências, como pudemos ver na revisão teórica.

Adicionalmente, o Centro de Formação Profissional de Castelo Branco participa ativamente em projetos “que o potenciem/capacitem, por forma a torná-lo mais eficaz no tipo(s) de respostas a proporcionar aos seus utentes” (I.E.F.P., 2012). Entre eles, destaca-se a participação em feiras e eventos de âmbito local, regional e internacional: *Euroskills/Worldskills*. A *WorldSkills Europe*, originalmente *WorldSkills International*, é uma associação que promove a excelência no domínio das competências e o seu desenvolvimento, procurando aumentar a consciência sobre a importância da excelência profissional e do ensino vocacional de alta qualidade e formação para a Europa. Isto é concretizado através da *EuroSkills*, uma competição internacional de competências bienal organizado num dos Estados-Membros da *WorldSkills Europe*. É uma parceria única na Europa entre formandos, instituições governamentais e privadas e organizações da sociedade civil. Portugal, enquanto membro fundador através do Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P., encontra-se representado nos Comités Estratégicos e Técnicos destas organizações, cuja língua oficial é o Inglês (SkillPortugal, s.d.; WorldSkills Europe, s.d.).

Relativamente às modalidades de formação desenvolvidas por este Centro, estas são regulamentadas pela Portaria 1497/2008, de 19 de dezembro para cursos de Aprendizagem, pela Portaria 230/2008, de 7 de Março para cursos de Educação e Formação de Adultos e pelo Despacho Conjunto nº 453/2004, de 27 de Julho, com a Retificação nº 1673/2004, de 7 de setembro para cursos de Educação e Formação de Jovens. Todos estes documentos estipulam a inclusão de uma língua estrangeira na distribuição da carga horária, pese embora não determine qual. No entanto, quando questionado acerca da razão da escolha da Língua Inglesa como a LE a ser lecionada nos cursos, o diretor do Centro explicou que as estruturas curriculares das ações de formação em todas as Modalidades de Formação desenvolvidas estão pré-definidas no suporte legal que sustenta cada modalidade. No caso da Aprendizagem, a Portaria que a regula e o respetivo Regulamento Especifico estabelecem, por defeito, o Inglês

como a língua estrangeira a desenvolver, havendo a flexibilidade de poder optar por uma outra língua estrangeira, que se revele mais interessante do ponto de vista das necessidades do mercado de trabalho, tendo por base os mesmos conteúdos e objetivos/competências. Relativamente às restantes modalidades, nos cursos de Educação e Formação de Jovens e Cursos de Educação e Formação de Adultos, os respetivos suportes legais referem que devem ser consideradas as Línguas Inglesa e Francesa, desenvolvidas de acordo com os referenciais disponíveis, sem prejuízo de poderem ser consideradas outras que se revelem mais importantes para a futura integração no mercado de trabalho.

Perante estas orientações, o Centro de Formação tem entendido, ao longo dos anos, optar pela Língua Inglesa, não só pela sua universalidade, como também pela abundância de documentação técnica escrita nessa língua.

Posto isto, e mediante a importância da Língua Inglesa nos mais variados âmbitos mundiais e nacionais, também reconhecida pela própria instituição, assume-se como essencial compreender as razões para esta aparente resistência e desmotivação perante a aprendizagem do Inglês.

Neste sentido, no âmbito deste estudo questiona-se qual será a perceção sobre a Língua Inglesa dos formandos do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco. Pretende-se ainda auscultar os formadores sobre o que fazem para motivar os formandos na aprendizagem da Língua Inglesa, procurando esclarecer porque estão ou não motivados estes formandos para aprender esta língua.

Assim, este estudo é sobretudo de carácter descritivo, pois pretende recolher os dados de forma sistemática, que são tratados de forma estatística, sendo também um tipo de estudo transversal, por recolher os dados num único momento.

### 3.1. Objetivos de Estudo

Esta investigação pretende conhecer as percepções da importância da Língua Inglesa nos formandos do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco. Trata-se de um estudo descritivo e transversal, cujos objetivos específicos são:

1. Caracterizar a percepção dos estudantes no que concerne ao escopo da Língua Inglesa.
2. Caracterizar a percepção dos estudantes quanto ao *ranking* do Inglês no contexto das línguas mais faladas a nível mundial.
3. Caracterizar a percepção dos estudantes quanto à importância do Inglês no mercado de trabalho.
4. Averiguar a razão pela qual os estudantes aprendem Inglês.
5. Caracterizar a motivação dos estudantes na aprendizagem da Língua Inglesa e as respetivas razões.
6. Caracterizar os hábitos de estudo dos estudantes.
7. Averiguar em que meios os estudantes estão em contacto com a Língua Inglesa.
8. Caracterizar os sentimentos dos estudantes perante a aprendizagem da Língua Inglesa.
9. Confrontar os sentimentos dos estudantes perante a aprendizagem da Língua Inglesa com os seus hábitos de estudo.

## 4. Método

### 4.1. Caracterização do contexto

Inaugurado em 1991, o Centro de Formação Profissional de Castelo Branco funciona como uma Unidade Orgânica Local do Instituto de Emprego e Formação Profissional, e integra a rede de Centros de Formação Profissional de Gestão Direta da Região Centro.

Tendo como missão dar resposta às necessidades de formação da região, o Centro de Formação Profissional de Castelo Branco tem ofertado um vasto leque de opções em modalidades de formação inicial e contínua, conferindo a respetiva certificação profissional.

Em função das necessidades de mão de obra qualificada para a região, o Centro de Formação Profissional de Castelo Branco desenvolve ações de formação em treze áreas, a saber: Construção Metálica/Soldada, Construção Mecânica, Carpintaria/Marcenaria, Canalizações de Gás Natural, Frio e Climatização, Mecânica-Auto, Pintura-Auto, Eletricidade, Eletrónica, Administração e Gestão, Informática, Cabeleireiros, Hotelaria e Restauração, além de ações diversas na área dos Serviços Pessoais e à Comunidade, Jardinagem e Espaços Verdes, Construção Civil, Reparação de Carroçarias, entre outras.

Situado na Zona Industrial de Castelo Branco, este Centro disfruta de uma localização privilegiada, pois, além de dispor de bons acessos rodoviários, está integrado numa das principais zonas industriais da região, permitindo-lhe uma relação próxima com a indústria local.

O distrito de Castelo Branco, situado no interior do país com 6 615 Km<sup>2</sup> e 205 000 habitantes, abrange os concelhos da Cova da Beira (Belmonte, Covilhã e Fundão), da Beira Interior Sul (Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Ródão) e Pinhal Interior Sul (Oleiros, Proença-a-Nova, Sertã e Vila de Rei).

A influência do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco alastra-se todo este distrito, abrangendo os Centros de Emprego da região (Castelo Branco, Covilhã e Sertã), detendo assim um papel importante e determinante na aferição das necessidades de formação e respetiva satisfação do mercado de emprego. A área de intervenção do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco abrange onze concelhos, que correspondem às áreas adjuntas aos Centros de Emprego da Covilhã (quatro concelhos), Castelo Branco (três concelhos) e Sertã (quatro concelhos).

## **4.2. Participantes**

### **4.2.1. Caracterização dos formadores**

Os cinco sujeitos que participaram neste estudo são formadores de Inglês e serão designados por F1 a F5. Estes são do sexo feminino, com idades compreendidas entre 33 anos e 45 anos, inclusive.

O Formador 1 (F1) é uma professora com trinta e cinco anos e é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, estudos Portugueses e Ingleses. Com sete anos de experiência neste centro, encontrando-se a ministrar cursos nas modalidades CEF, EFA B1+B2, EFA B3, EFA Nível Secundário, e Aprendizagem.

O Formador 2 (F2) é uma professora com trinta e três anos e tem uma Licenciatura em Ramo de Formação Educacional – Línguas e Literaturas Modernas, variante estudos Ingleses e Alemães. Atualmente encontra-se a ministrar cursos nas modalidades EFA B1 + B2 e exerce funções neste Centro há seis meses, sendo a formadora com menos experiência.

O Formador 3 (F3) é uma professora com trinta e cinco anos, licenciada e profissionalizada em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Inglêse e Alemães. É a formadora com mais experiência neste Centro, com onze anos de serviço, e leciona em cursos de Aprendizagem, EFA Nível Secundário e EFJ.

O Formador 4 (F4) é uma professora com trinta e oito anos e tem uma Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Franceses e Ingleses. Tem nove anos de serviço neste Centro e encontra-se a lecionar em cursos nas modalidades Cursos EFA Nível Secundário e Aprendizagem.

O Formador 5 (F5) é uma professora com quarenta e seis anos, licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante estudos Portugueses e Ingleses, e com uma pós-graduação em Ciências Documentais. Atualmente leciona em cursos de Educação e Formação de Adultos, B2, B3 e Nível Secundário, Aprendizagem e Modulares, e tem seis anos de experiência.

#### 4.2.2. Caracterização dos formandos

O tipo de formandos que frequenta estas formações varia de acordo com as modalidades desenvolvidas. No Centro de Formação Profissional de Castelo Branco, o público é composto por jovens e por adultos.

Os jovens são, na sua grande maioria, caracterizados pelo insucesso escolar, o que os levou ao abandono precoce do ensino convencional, e veem um curso de formação como uma alternativa para prosseguir estudos e obter uma qualificação profissional.

Relativamente aos adultos, estes são no geral desempregados, com uma perspetiva socioeconómica complicada, e habilitações que variam entre o “Sabe ler e escrever sem possuir grau de ensino” e o 12º ano.

Uma vez que este Centro apresenta diferentes ofertas formativas de acordo com as habilitações das pessoas, encontra-se assim povoado por formandos com todo tipo de habilitações possíveis. Oriundos de um meio maioritariamente urbano e de um extrato socioeconómico baixo, estes formandos usufruem de uma bolsa de formação (EFA) e de uma bolsa de profissionalização (EFJ), alimentação e transporte, acolhimento a maiores ou menores dependentes. A amostra é constituída por 74 elementos.

Tabela 1:  
Ações de formação frequentadas

	Frequência	Percentagem
Desenho Mobiliário	11	14,9
Eletromecânico de Refrigeração e Climatização	8	10,8
Jardinagem e Espaços Verdes	11	14,9
Serralharia Civil	10	13,5
Técnicas de Ação Educativa	10	13,5
Técnico Instalação Sistemas Solares Térmicos	6	8,1
Técnico Instalações Elétricas	10	13,5
Técnico Manutenção Industrial	8	10,8
Total	74	100,0

Os formandos dividem-se pelas ações de formação listadas na tabela, tendo cada uma entre seis formandos (Técnico Instalação Sistemas Solares Térmicos) e 11 formandos (Desenho Mobiliário e Jardinagem e Espaços Verdes).

Tabela 2:  
Género

	Frequência	Percentagem
Feminino	20	27,0
Masculino	54	73,0
Total	74	100,0

Na amostra, 73% são do sexo masculino e 27% do sexo feminino.

Tabela 3:  
Estatísticas das idades

	N	Desvio		Coef. Variação	Mínimo	Máximo
		Média	Padrão			
Idade	74	28,1	12,1	43%	17	62

Na amostra, a idade apresenta um valor médio de 28,1 anos, com uma dispersão de valores de 43%. Os valores mínimos e máximos são, respetivamente, 17 e 62 anos.

Na Figura 5 encontra-se ilustrada a distribuição de valores da idade.

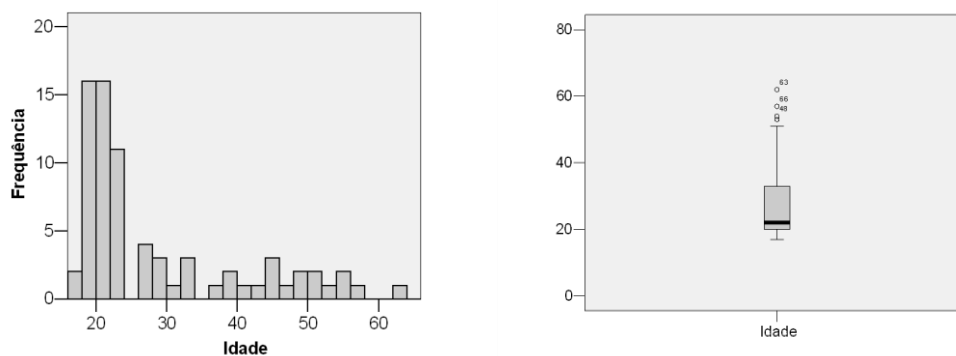


Figura 5. Ilustração da frequência de idades em histograma e diagrama tipo caixa

Pode observar-se que a distribuição das idades se verifica principalmente entre os 18 e os 24 anos, sendo as idades superiores a 50 anos consideradas *outliers* (casos extremos).

Tabela 4:  
Modalidade da ação frequentada

	Frequência	Percentagem
Aprendizagem	45	60,8
EFA	29	39,2
Total	74	100,0

Na amostra, 60,8% são de cursos de aprendizagem e 39,2% de cursos EFA.

Tabela 5:  
Habilitações

	Frequência	Porcentagem
6º ano	11	14,9
7º ano	6	8,1
8º ano	5	6,8
9º ano	43	58,1
10º ano	4	5,4
11º ano	3	4,1
12º ano	2	2,7
Total	74	100,0

Na amostra, as habilitações mais observadas na amostra são 9º ano com 58,1%, seguida de 6º ano com 14,9% e 7º ano com 8,1% e depois 8º ano com 6,8%, verificando-se ainda respostas entre o 10º ano (5,4%) e o 12º ano (2,7%).

Tabela 6:  
Meta

	Frequência	Porcentagem
12º	7	9,5
12º e formação	1	1,4
CET	6	8,1
Continuar a formação	1	1,4
Engenheiro	1	1,4
Não sabe	1	1,4
Não Respondeu	13	17,6
Trabalho	44	59,5
Total	74	100,0

Na amostra, a meta mais pretendida é obter Trabalho por 59,5%, seguindo-se o 12º ano por 9,5% e CET por 8,1%, sendo ainda indicadas mais quatro metas por quatro elementos, sendo de salientar que 17,6% não respondeu.

### 4.3. Instrumentos

Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram dois inquéritos: um para os formadores e outro para os formandos.

#### 4.3.1. Inquérito para os formadores

O objetivo máximo deste estudo consiste em aferir as percepções dos formandos sobre a Língua Inglesa, no entanto, considerámos importante poder confrontar as representações que os formadores de Inglês têm acerca das percepções dos seus formandos. Para este efeito, foi elaborado um inquérito de perguntas abertas. Antes das perguntas propriamente ditas, foi dado aos respondentes um campo para a sua identificação, onde deveriam indicar o seu género, idade, tempo de serviço na instituição, habilitação académica, categoria profissional

e tipo de cursos atualmente ministrados. Este questionário visou também colmatar algumas dificuldades com as quais nos deparámos, nomeadamente a ausência de dados concretos acerca do aproveitamento dos formandos.

Este inquérito contém seis perguntas que incidem sobre o rendimento escolar dos formandos, a importância de ensinar a Língua Inglesa num I.E.F.P., as representações que os formadores têm sobre a importância desta língua, a adesão dos seus formandos à língua, considerações sobre as eventuais semelhanças/diferenças entre a sua percepção sobre a importância desta língua e a dos seus formandos, os esforços em inculcar nos seus formandos a importância de aprender a língua, e de que forma o fazem.

Este inquérito pode ser consultado no Anexo I.

#### **4.3.2. Inquérito para os formandos**

Este inquérito é constituído por questões que visam conhecer as representações dos formandos em relação à importância da Língua Inglesa e é composto por duas partes. Tal como verificámos no inquérito para os formadores, também este tinha um espaço de identificação para o inquirido indicar o seu género, idade, tipo de curso que frequenta, nível e área de escolaridade já atingido e meta profissional pretendida.

A primeira parte do inquérito, intitulada “A Língua”, tem cinco perguntas, em que uma das quais é composta por duas alíneas, que incidem sobre factos gerais acerca da língua e procuram aferir o conhecimento dos formandos sobre os mesmos: identificação de áreas onde a Língua Inglesa tenha um papel preponderante, identificação de países de Língua Inglesa, identificação das línguas mais faladas, percepção da importância da Língua Inglesa no mercado de trabalho, e identificação de empregos nos quais a Língua Inglesa seja um pré-requisito.

Relativamente à segunda parte, “Eu e a Língua”, esta é composta por seis perguntas, sendo que duas têm duas alíneas. Estas questões visam sobretudo identificar os motivos dos formandos para estarem a aprender inglês, a motivação na aprendizagem da língua, dificuldades nessa aprendizagem, hábitos de estudo, formas de contactos com a Língua Inglesa, reconhecimento da importância da Língua Inglesa no futuro profissional e sentimentos perante a aprendizagem da Língua Inglesa.

O questionário é composto por itens de escolha múltipla, perguntas abertas e escalas tipo Likert. No que concerne a esta última, foi utilizada uma escala de quatro itens, ao invés dos típicos cinco, para evitar o efeito de centralidade nas respostas.

Este instrumento foi concebido sobretudo com base na revisão da literatura, através da qual se recolheram vários itens e tópicos que serviram para a formulação das perguntas finais.

Finalmente, para promover a validade e fidelidade do estudo, fizemos um pré-teste a uma amostra recolhida por conveniência, que nos permitiu reformular e simplificar algumas questões.

Este inquérito pode ser consultado no Anexo II.

#### **4.4. Procedimento**

Numa primeira fase, procedemos à pesquisa bibliográfica sobre o escopo e influência da Língua Inglesa a nível mundial, o percurso do ensino desta língua em Portugal e as diversas teorias sobre a motivação na aprendizagem. No mês de dezembro, foram encetados contactos com o Diretor do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco no sentido de pedir permissão para conduzir o estudo neste centro (Anexo III). O Diretor deu o seu consentimento e demonstrou-se totalmente disponível para colaborar e fornecer todos os dados solicitados para o estudo. Contudo, não nos foi possível ter acesso às notas dos formandos na disciplina de Inglês para fazer um levantamento estatístico do seu aproveitamento nos últimos anos, uma vez que as notas não estão informatizadas. Sendo assim, optámos por incluir uma pergunta no inquérito dos formadores acerca do aproveitamento dos seus formandos.

Aquando da receção dos dados solicitados, decorriam, sob a alçada do Centro de Formação Profissional de Castelo Branco, 20 ações de formação nas cidades de Castelo Branco, Sertã, Covilhã e Fundão, integrando 220 formandos. Por uma questão de conveniência geográfica, optámos por aplicar este estudo somente aos formandos de Castelo Branco, que abrangia dez ações de formação, com 101 formandos inscritos.

Seguidamente, no mês de fevereiro, procedeu-se à elaboração dos inquéritos para os formandos e formadores, sendo o primeiro sujeito a modificações após a aplicação de um pré-teste (Anexos I e II).

Em virtude de proteger a veracidade das respostas, considerámos pertinente omitir os objetivos específicos deste estudo, pois se tanto os formadores como os formandos souberem que este era um estudo sobre a Língua Inglesa, isso poderia condicionar ou enviesar as respostas dadas. Por esta razão, ambos os inquéritos foram apresentados como um estudo acerca de todas as línguas estrangeiras ensinadas em Portugal, e assim os formandos e formadores em questão responderiam ao formulário sobre a língua que eles estariam a aprender e ensinar, respetivamente. Estas circunstâncias foram comunicadas ao diretor do Centro, e conseqüentemente foi-lhe solicitado que incumbisse os coordenadores dos cursos de aplicar os inquéritos, sempre que não fossem formadores de Inglês.

Os inquéritos foram previamente colocados em envelopes fechados, e no rosto foram apostadas informações sobre o curso ao qual eles se destinavam, incluindo o objetivo do

estudo, o nome do curso a aplicar, número de exemplares incluídos, e indicações gerais para os aplicadores e respondentes: os inquiridos não deveriam assinar o nome em nenhuma parte do inquérito; os inquiridos não deveriam trocar ideias ou repostas entre si; o aplicador podia a qualquer momento, mas sem fornecer respostas, esclarecer dúvidas sobre a compreensão das perguntas/vocabulário; se os inquiridos não soubessem responder a alguma pergunta então deveriam deixá-la em branco; os inquiridos não deveriam transpor os exemplos fornecidos na primeira pergunta da Parte I para sua resposta; e por fim um esclarecimento sobre um item no campo da identificação do inquirido. Este documento pode ser consultado no Anexo IV.

Relativamente aos inquéritos para os formadores, estes foram enviados ao diretor por correio eletrónico, que por sua vez os reencaminhou para os oito formadores de Inglês.

Os inquéritos aos formandos foram aplicados, em sala de aula, no mês de abril e levantados no final do mesmo. Nesse dia, foram também devolvidos cinco dos oito inquéritos aos formandos.

Em ambos os inquéritos encontrava-se explanado o objetivo do estudo, bem como a garantia da absoluta confidencialidade das informações prestadas. Logo, o consentimento verbal dos inquiridos foi dado ao aceitarem responder aos inquéritos.

Dos 101 inquéritos aplicados, 74 foram devolvidos, correspondendo a oito ações de formação, pois dois dos cursos alvo foram concluídos antes de se poder aplicar os inquéritos.

## **4.5. Análise dos dados**

### **4.5.1. Análise de conteúdo**

Tratando-se o inquérito para os formadores de um questionário de resposta aberta, optámos pela análise qualitativa dos dados. Um procedimento fundamental neste tipo de análise é a categorização dos dados, através da qual é possível reduzir a quantidade de informação recolhida, distinguir unidades de sentido e identificar os respetivos significados, organizando assim “o texto descritivo com maior profundidade analítica” (Afonso, 2005, p. 119). Em virtude de respeitar os direitos de privacidade, de confidencialidade e de anonimato, codificámos todos os dados para evitar a identificação dos intervenientes na investigação.

Após feita a análise de conteúdo da informação recolhida, elaborou-se “uma lista (ou grelha) de categorias internamente consistentes mas distintas umas das outras” (Marshaall & Rossman, 1999, citados por Afonso, 2005, p. 121), na qual foram constituídas duas categorias com base nos tópicos expressos nas respostas dos inquiridos. Por sua vez, as categorias foram divididas em subcategorias, nas quais foram listadas as respetivas unidades de sentido recolhidas das respostas de cada formador.

A primeira categoria (*Os formandos e a língua*) diz respeito às opiniões que os formadores têm sobre os seus formandos. Esta primeira categoria foi subdividida em três subcategorias: *O aproveitamento*, onde se agrupam as considerações tecidas pelos formadores acerca do rendimento escolar dos seus formandos; *A percepção que os formandos têm da língua*, onde se agruparam as afirmações dos formadores sobre a opinião que têm acerca da importância que os seus formandos atribuem à Língua Inglesa; e *A adesão dos formandos à língua*, onde se reúnem as afirmações dos formadores sobre a aceitação dos formandos para com a aprendizagem da língua.

A segunda categoria (*A língua*) concerne às representações que os formadores têm sobre a língua e a forma como difundem a sua importância. Esta segunda categoria foi subdividida em quatro subcategorias: *A importância de ensinar a Língua Inglesa em cursos de formação*, onde se constata as opiniões dos formadores sobre a relevância do ensino da Língua Inglesa neste tipo de cursos; *A percepção que os formadores têm da língua vs. a percepção dos formandos*, onde se reúnem as considerações dos formadores relativas às diferenças ou semelhanças entre a sua percepção da língua e a dos seus formandos; *O papel do formador em inculcar importância de aprender a língua nos formandos*, onde se agruparam as afirmações dos formadores sobre o seu papel enquanto transmissor da importância da língua; e *Estratégias para inculcar a importância de aprender a língua inglesa*, onde se reúnem os esforços dos formadores para pôr essa função em prática.

A grelha de análise de conteúdo dos inquéritos encontra-se no Anexo V.

Já para a análise dos inquéritos dos formandos, utilizou-se a *versão 18* do programa *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)*, à exceção da pergunta 5.2, cujas respostas foram analisadas qualitativamente, tendo sido o seu conteúdo submetido a um processo de categorização.

#### **4.5.2. Métodos estatísticos utilizados**

##### **Estatística Descritiva**

Em termos de estatística descritiva apresentam-se, para as variáveis de caracterização, as tabelas de frequências e gráficos ilustrativos das distribuições de valores verificadas e, para as variáveis quantitativas, também as tabelas de frequências e as estatísticas relevantes, como:

- Os valores médios;
- Os valores do desvio padrão que representam a dispersão absoluta;
- O coeficiente de variação, que ilustra a dispersão relativa: quanto maior, maior é a dispersão;

- Os valores mínimos e máximos observados.

### **Coeficientes de Correlação: Pearson e Spearman**

Quando as variáveis cuja relação se pretende estudar são variáveis qualitativas ordinais, podem ser analisadas utilizando o coeficiente de correlação de Pearson R, que é uma medida da associação linear entre variáveis quantitativas e varia entre -1 e 1. Quanto mais próximo estiver dos valores extremos, tanto maior é a associação entre as variáveis.

Para que se possa aplicar o coeficiente de correlação de Pearson R, tem que se verificar a normalidade das distribuições para todas as variáveis relacionadas, se a amostra for de reduzida dimensão. Quando tal não se verifica, a análise através dos coeficientes de correlação de Pearson não é válida. Assim sendo, deve utilizar-se o coeficiente de correlação de Spearman, que não é sensível a assimetrias de distribuição e não exige a normalidade da distribuição dos dados.

### **Teste para variáveis ordinais**

Os testes estatísticos servem para averiguar se as diferenças observadas na amostra são estatisticamente significantes, ou seja, se as conclusões da amostra se podem inferir para a população.

O valor de 5% é um valor de referência utilizado nas Ciências Sociais para testar hipóteses e significa que estabelecemos a inferência com uma probabilidade de erro inferior a 5%.

Perante duas variáveis ordinais, os testes adequados para verificar a relação entre ambas são os testes de Gamma, Sommer ou Kendal, que se passa a explicar.

Quando estamos perante duas variáveis deste tipo e queremos testar se existe alguma relação entre elas, temos as hipóteses:

- $H_0$ : As duas variáveis são independentes, ou seja, não existe relação entre as categorias de uma variável e as categorias da outra;
- $H_1$ : As duas variáveis apresentam uma relação entre si, ou seja, existe relação entre as categorias de uma variável e as categorias da outra;

O resultado relevante do teste é a significância (valor de prova). Sempre que o valor de prova for inferior a 5% (0,05), rejeita-se a Hipótese Nula, concluindo-se que as duas variáveis estão relacionadas.

Quando o valor de prova do teste for superior ao valor de referência de 5%, não podemos rejeitar a hipótese nula, da qual as duas variáveis são independentes, ou seja, conclui-se que elas não estão relacionadas.

## 5. Resultados

### 5.1. Inquéritos para os formadores

Quanto ao rendimento escolar dos formandos, as respostas dos formadores variam. O F2 considera que “o rendimento da generalidade dos alunos revela-se bastante satisfatório”. No entanto, os formadores com mais experiência classificam o rendimento dos seus formandos ao longo do seu percurso profissional como “bastante fraco” (F1), “heterogéneo” (F3), “satisfatório” (F4) e “razoável” (F5). Contudo, e apesar da diferenciação nas nomenclaturas, estes formadores admitem que os formandos “têm poucas bases” (F3), ou até mesmo “quase nulas” (F4), e tendo em conta que a maior parte deles abandonou a escola há já alguns anos, eles “revelam alguma dificuldade na readaptação a novas situações” (F5). Deve ressaltar-se ainda que um formador admite haver uma “tendência para nivelar a apresentação dos conteúdos, indo ao encontro dos formandos com mais dificuldades” (F3).

Na opinião dos formadores, os seus formandos reconhecem a importância da Língua Inglesa tanto no contexto quotidiano como no profissional.

No que concerne à adesão dos formandos à Língua Inglesa, as opiniões dividem-se. Dois formadores consideram que a adesão varia consoante o “público-alvo” (F3), pois enquanto “nos cursos CEF a adesão é normalmente imediata e feita sem grandes dificuldades, talvez devido ao contacto com a língua através da net, música e televisão, nos cursos EFA, a relação com o Inglês é frequentemente difícil e não raras vezes os formandos demonstram uma atitude de pouca receptividade inicial face à disciplina” (F1). “Uma outra questão é a área em que os formandos se inserem. Nos cursos ligados ao turismo, a adesão é muito alta. Nos outros cursos, esta mesma adesão não é tão significativa” (F3). Já os outros três formandos consideram a adesão satisfatória (F2 e F5), ainda que “inicialmente olham para esta língua com alguma desconfiança” (F4).

Relativamente à importância de ensinar a Língua Inglesa em cursos de formação, os formadores, de forma unânime, consideram-na extrema, “atendendo ao mercado de trabalho e respectivas exigências” (F1) e “devido à componente tecnológica” dos cursos (F3), além de ser “uma mais-valia nos percursos formativos mais variados” (F2). Também “numa perspetiva mais prática, a importância desta língua é cada vez mais evidente no nosso quotidiano, independentemente da atividade profissional à qual nos dediquemos” (F4), impondo-se “como uma necessidade absoluta na formação de cidadãos que procuram melhorar a sua qualidade de vida e empregabilidade” (F5).

No que respeita à diferença entre a percepção dos formadores sobre a importância da Língua Inglesa e a dos seus formandos, as opiniões já não são unânimes. Enquanto uns consideram

que não há “uma grande diferença entre a forma como formandos e formadores encaram esta língua” (F4), pois os formandos demonstram-se conscientes “da importância do recurso à língua inglesa na sociedade globalizante que integramos” (F2), outros constataam que existem divergências entre os diferentes tipos de curso que estão condicionadas pela especificidade das próprias turmas. Isto é, há turmas “que apesar das enormes dificuldades, revelam muita vontade de aprender”, mas também há turmas “em que a perspectiva do formador não é entendida pelos formandos, tal a desmotivação e falta de método, de objectivos e de ambição por parte dos formandos” (F1). No entanto, outro formador alega ter conseguido, gradualmente, “alterar a percepção da importância da língua” nos seus formandos (F3). Finalmente, um formador considera que a sua percepção se assemelha mais à dos seus formandos adultos, particularmente aqueles “que já tiveram uma experiência profissional”, e atribui a discrepância entre a sua percepção e a dos formandos mais jovens à sua “imaturidade e falta de experiência do mundo do trabalho” (F6).

De um modo geral, todos os formadores procuram incutir nos seus formandos a importância de aprender a Língua Inglesa, sendo esse o “primeiro objectivo” (F1) da profissão e ressaltam a importância da diversificação de estratégias, sobretudo aquelas que vão ao encontro dos interesses dos formandos. Estas estratégias variam entre a aplicação de “exercícios lúdicos, jogos, músicas, filmes, textos temáticos, simulações” (F1), procurando “diversificar as situações de utilização da língua inglesa em sala de aula”, fazendo recurso a “brainstorming” (F2), “realia”, “role-plays”, música do seu agrado, filmes do seu interesse, contacto com falantes nativos, jogos didáticos, utilização de materiais a publicar ou partilhar, ações de sensibilização” (F3), “utilizando exemplos práticos do quotidiano e simulando situações específicas, [...] perspectivando-lhes o futuro profissional em que possam comparar um percurso profissional com e sem o domínio da língua inglesa” (F4). Em suma, desenvolvendo “atividades e recursos que visam os conteúdos linguísticos, funcionais e gramaticais da língua são sobretudo interativos e colaborativos, indo ao encontro dos seus interesses pessoais e fazendo com que o formando participe no seu próprio processo de aprendizagem” (F5).

## 5.2. Inquéritos para os formandos

### 5.2.1. PARTE I - A Língua

- Caraterizar a percepção dos estudantes no que concerne ao escopo da Língua Inglesa.

Na primeira pergunta relativa a este objetivo, os respondentes tinham de dar cinco hipóteses. Os resultados para cada hipótese podem ser consultados no Anexo VI. Na Tabela 7 apresentam-se o total de respostas por ordem decrescente.

Tabela 7:  
Cinco áreas onde a Língua Inglesa tem um papel preponderante

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
Filmes	23	31,1	Rótulos de produtos	2	2,7
Manuais de instruções	23	31,1	Séries	2	2,7
Música	20	27,0	Agências de viagens	1	1,4
Jogos	18	24,3	Anúncios	1	1,4
Internet	17	23,0	Bares	1	1,4
Comunicação	14	18,9	Cafés	1	1,4
Turismo	11	14,9	Desenhos animados	1	1,4
Trabalho	9	12,2	Desporto	1	1,4
Literatura	8	10,8	Documentação	1	1,4
Não Respondeu	8	10,8	Emprego	1	1,4
Informática	7	9,5	Ensino	1	1,4
Livros	6	8,1	Férias	1	1,4
Televisão	6	8,1	Grandes superfícies	1	1,4
Artigos científicos	5	6,8	Hospitais	1	1,4
Ciências	5	6,8	Imigração	1	1,4
Hotelaria	5	6,8	Jardinagem	1	1,4
Catálogos	4	5,4	Máquinas elétricas	1	1,4
Documentários	4	5,4	McDonald's	1	1,4
Software	4	5,4	Medicamentos	1	1,4
Jornalismo	3	4,1	Mensagens	1	1,4
Rececionista	3	4,1	Musicais	1	1,4
Restauração	3	4,1	Nomes de roupas	1	1,4
Teatros	3	4,1	Quem trabalha com clientes	1	1,4
Viagens	3	4,1	Revistas	1	1,4
Arte	2	2,7	Tecnologia	1	1,4
Computador	2	2,7	Termos financeiros	1	1,4
Economia mundial	2	2,7	Trabalho no estrangeiro	1	1,4
Equipamentos	2	2,7	Tradutores	1	1,4
Notícias	2	2,7	Vídeos	1	1,4
			<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

As áreas onde a Língua Inglesa é considerada como tendo um papel mais preponderante são Filmes e Manuais de instruções com valores de respostas de 31,1%, seguidos de Música, Jogos e Internet com valores entre 27% e 23% e depois de Comunicação (18,9%) e Turismo (14,9%), seguidas depois de Trabalho, Literatura, Informática, Livros e Televisão com valores de respostas entre 12,2% e 8,1%, sendo ainda referidas todas as áreas listadas na tabela.

Na segunda pergunta relativa a este objetivo, os respondentes tinham que dar cinco hipóteses. Os resultados para cada hipótese podem ser consultados no Anexo VII. Na Tabela 8 apresentam-se o total de respostas por ordem decrescente.

Tabela 8:  
Cinco países onde a Língua Inglesa seja a língua principal

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
Inglaterra	57	77,0	Irlanda do Norte	2	2,7
E.U.A.	31	41,9	Jamaica	2	2,7
Irlanda	26	35,1	Namíbia	2	2,7
Austrália	21	28,4	Suécia	2	2,7
Canadá	21	28,4	Angola	1	1,4
África do Sul	18	24,3	Árabia Saudita	1	1,4
Escócia	15	20,3	Áustria	1	1,4
Reino Unido	14	18,9	Bélgica	1	1,4
País de Gales	7	9,5	Guiné Inglesa	1	1,4
América	6	8,1	Haiti	1	1,4
Portugal	5	6,8	Holanda	1	1,4
Alemanha	4	5,4	Libéria	1	1,4
Espanha	4	5,4	Luxemburgo	1	1,4
França	4	5,4	Paquistão	1	1,4
Grã-Bretanha	4	5,4	Qatar	1	1,4
Nigéria	4	5,4	Total	74	100,0

Os países onde a Língua Inglesa seja a língua principal mais indicados são Inglaterra por 77%, seguido de E.U.A. por 41,9%, depois Irlanda por 35,1%, Austrália e Canadá por 28,4% cada, África do Sul por 24,3%, Escócia por 20,3% e Reino Unido por 18,9%, seguidos de País de Gales por 9,5% e América por 8,1%, seguidos da Nigéria com 5,4%, Irlanda do Norte, Jamaica e Namíbia com 2,7% cada, e finalmente Libéria e Paquistão com 1,4% cada. As incorreções mais frequentes são Portugal, Alemanha, Espanha e França, cada indicado por cerca de 6%, verificando-se ainda a Suécia indicada por dois elementos e Angola, Árabia Saudita, Áustria, Bélgica, Haiti, Holanda, Luxemburgo e Qatar, cada indicado por um elemento da amostra.

- **Caraterizar a percepção dos estudantes quanto ao *ranking* do Inglês no contexto das línguas mais faladas a nível mundial.**

Na terceira pergunta relativa a este objetivo, os respondentes tinham que preencher dez alíneas. Os resultados para cada alínea podem ser consultados no Anexo VIII e Anexo IX. Na Tabela 9 e na Tabela 10 apresentam-se as respostas agrupadas.

Tabela 9:  
As línguas nativas mais faladas

	1		2		3		4		5		6		7		8		9		10	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Alemão	3	4,4%	2	2,9%	3	4,4%	8	11,8%	19	27,9%	13	19,1%	5	7,4%	3	4,4%	3	4,4%	9	13,2%
Árabe			1	1,5%			2	3,0%	3	4,5%	8	11,9%	14	20,9%	7	10,4%	18	26,9%	14	20,9%
Chinês Mandarim	19	27,9%	1	1,5%	3	4,4%	3	4,4%	4	5,9%	3	4,4%	6	8,8%	10	14,7%	11	16,2%	8	11,8%
Espanhol			17	25,0%	26	38,2%	11	16,2%	4	5,9%	1	1,5%	3	4,4%	4	5,9%	2	2,9%		
Francês			13	19,4%	16	23,9%	21	31,3%	7	10,4%	3	4,5%	1	1,5%			6	9,0%		
Inglês	31	44,9%	24	34,8%	4	5,8%	3	4,3%	1	1,4%	2	2,9%			1	1,4%	1	1,4%	2	2,9%
Japonês			3	4,5%	4	6,0%	4	6,0%	6	9,0%	10	14,9%	16	23,9%	15	22,4%	6	9,0%	3	4,5%
Persa	1	1,5%	2	2,9%	3	4,4%	2	2,9%	1	1,5%	2	2,9%	12	17,6%	9	13,2%	12	17,6%	24	35,3%
Português	15	22,1%	5	7,4%	6	8,8%	8	11,8%	15	22,1%	5	7,4%	5	7,4%	4	5,9%	5	7,4%		
Russo					2	2,9%	5	7,4%	8	11,8%	21	30,9%	6	8,8%	14	20,6%	4	5,9%	8	11,8%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- língua mais falada; ...; 10- língua menos falada.

Para este quadro e para os restantes análogos, quando a soma das frequências observadas é inferior à dimensão do grupo, significa que existem *missing values* (não respostas), que se podem observar no valor de N para o cálculo das estatísticas.

Tabela 10:  
Estatísticas das respostas à pergunta 3.1

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
Alemão	68	5,84	2,35	40%	1	10
Árabe	67	7,90	1,80	23%	2	10
Chinês Mandarim	68	5,60	3,45	62%	1	10
Espanhol	68	3,72	1,88	51%	2	9
Francês	67	4,06	1,93	48%	2	9
Inglês	69	2,28	2,09	92%	1	10
Japonês	67	6,57	1,99	30%	2	10
Persa	68	7,99	2,33	29%	1	10
Português	68	4,29	2,52	59%	1	9
Russo	68	6,79	1,85	27%	3	10

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- língua mais falada; ...; 10- língua menos falada.

Os valores médios observados apresentam as variações ilustradas, em média, o Inglês é considerada a língua mais falada, seguida do Espanhol, do Francês e do Português, depois do Chinês Mandarim e do Alemão, depois surgem o Japonês e o Russo, sendo as línguas consideradas menos faladas o Árabe e o Persa.

Tabela 11:  
As línguas nativas, segundas línguas e línguas estrangeiras mais faladas

	1		2		3		4		5		6		7		8		9		10	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Alemão	4	6,1%	2	3,0%	5	7,6%	9	13,6%	16	24,2%	8	12,1%	5	7,6%	7	10,6%	2	3,0%	8	12,1%
Árabe	1	1,5%	3	4,5%	3	4,5%	5	7,5%	3	4,5%	5	7,5%	9	13,4%	15	22,4%	16	23,9%	7	10,4%
Chinês Mandarim	5	7,5%	5	7,5%	1	1,5%	8	11,9%	5	7,5%	5	7,5%	4	6,0%	10	14,9%	12	17,9%	12	17,9%
Espanhol			24	35,8%	20	29,9%	13	19,4%	1	1,5%	2	3,0%	2	3,0%	3	4,5%	2	3,0%		
Francês	1	1,5%	14	20,9%	23	34,3%	8	11,9%	4	6,0%	3	4,5%	5	7,5%	5	7,5%	3	4,5%	1	1,5%
Inglês	41	60,3%	11	16,2%	4	5,9%	1	1,5%			2	2,9%	3	4,4%			1	1,5%	5	7,4%
Japonês	2	3,0%	2	3,0%	4	6,0%	3	4,5%	9	13,4%	10	14,9%	12	17,9%	10	14,9%	9	13,4%	6	9,0%
Persa			2	3,0%	2	3,0%	2	3,0%	5	7,6%	7	10,6%	9	13,6%	11	16,7%	12	18,2%	16	24,2%
Português	14	20,6%	5	7,4%	5	7,4%	13	19,1%	14	20,6%	8	11,8%	4	5,9%			5	7,4%		
Russo							5	7,5%	10	14,9%	16	23,9%	13	19,4%	6	9,0%	5	7,5%	12	17,9%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- língua mais falada; ...; 10- língua menos falada.

Tabela 12:

### Estatísticas das respostas à pergunta 3.2

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
Alemão	66	5,70	2,49	44%	1	10
Árabe	67	7,13	2,34	33%	1	10
Chinês Mandarim	67	6,58	2,94	45%	1	10
Espanhol	67	3,48	1,84	53%	2	9
Francês	67	4,18	2,26	54%	1	10
Inglês	68	2,51	2,75	109%	1	10
Japonês	67	6,57	2,29	35%	1	10
Persa	66	7,64	2,16	28%	2	10
Português	68	4,15	2,31	56%	1	9
Russo	67	7,01	1,89	27%	4	10

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- língua mais falada; ...; 10- língua menos falada.

Os valores médios observados apresentam as variações ilustradas, em média, o Inglês é considerada a língua mais falada, seguida do Espanhol, depois do Português e do Francês, depois do Alemão, depois surgem o Japonês e o Chinês Mandarim, sendo as línguas consideradas menos faladas o Russo e o Árabe e ainda menos o Persa.

- Caracterizar a percepção dos estudantes quanto à importância do Inglês no mercado de trabalho.

Tabela 13:  
"A fluência em Língua Inglesa pode facilitar o acesso a certos empregos."

	Frequência	Percentagem
Discordo parcialmente	3	4,1
Concordo parcialmente	19	26,0
Concordo totalmente	51	69,9
Total	73	100,0

Verifica-se uma não resposta.

Na amostra, 69,9% concordam totalmente que a fluência em Língua Inglesa pode facilitar o acesso a certos empregos, 26% concordam parcialmente e apenas 4,1% discordam, enquanto ninguém discorda totalmente.

Na quinta pergunta relativa a este objetivo, os respondentes tinham que dar três hipóteses. Os resultados para cada hipótese podem ser consultados no Anexo X. Na Tabela 14 apresentam-se o total de respostas por ordem decrescente.

Tabela 14:  
Três empregos onde falar Inglês é essencial para ser contratado

	N	%		N	%
Rececionista	13	17,6	Camionista	1	1,4
Hotelaria	12	16,2	Contabilista	1	1,4
Não Respondeu	11	14,9	Costureira	1	1,4
Turismo	10	13,5	Cozinheiro	1	1,4
Hospedeiro	8	10,8	Delegado de informação médica	1	1,4
Guia turístico	7	9,5	Economista	1	1,4
Informáticos	7	9,5	Empregado de consultoria	1	1,4
Jornalismo	6	8,1	Empregado de finanças	1	1,4
Telecomunicações	6	8,1	Empregados de balcão	1	1,4
Aeroporto	4	5,4	Energias renováveis	1	1,4
Agência de viagens	4	5,4	Enfermeiros	1	1,4
Bares	4	5,4	Escritórios	1	1,4
Empregados de mesa	4	5,4	Fabril	1	1,4
Empresário	4	5,4	Florista	1	1,4
Relações públicas	4	5,4	Formador	1	1,4
Tradutor	4	5,4	Fórum	1	1,4
Ator	3	4,1	Grandes superfícies	1	1,4
Atendimento ao público	3	4,1	Hipermercado	1	1,4
Controlador aéreo	3	4,1	Industria automóvel	1	1,4
Professor	3	4,1	Marketing	1	1,4
Restauração	3	4,1	McDonald's	1	1,4
Técnico de refrigeração	3	4,1	Mecânico	1	1,4
Vendedor	3	4,1	Modelo	1	1,4
Agência de vendas de carros	2	2,7	Navegação	1	1,4
Empresas internacionais	2	2,7	Piloto	1	1,4
Futebol	2	2,7	Portaria de um hotel	1	1,4
Loja	2	2,7	Rádio	1	1,4
Médico	2	2,7	Técnico	1	1,4
Motorista	2	2,7	Técnico informático	1	1,4
Técnico de vendas	2	2,7	Ténis	1	1,4
Baby-sitter	1	1,4	Viajante	1	1,4
			Total	74	100,0

Os empregos onde os respondentes consideram que falar Inglês é essencial para ser contratado são Rececionista indicado por 17,6% e Hotelaria sugerido por 16,2%, seguidos de Turismo por 13,5%, Hospedeiro indicado por 10,8%, Guia turístico por 9,5%, tal como Informáticos também indicado por 9,5%, e de Jornalismo e Telecomunicações, cada indicado por 8,1%, sendo ainda referidos todos os restantes empregos listados na tabela.

### 5.2.2. PARTE II - Eu e a Língua

- **Averiguar a razão pela qual os estudantes aprendem Inglês.**

Tabela 15:  
“Assinale a afirmação com a qual mais se identifica”

	Frequência	Percentagem
Estou a aprender Inglês porque foi a minha primeira opção.	25	33,8
Estou a aprender Inglês porque não tive outra opção, mas se tivesse, teria escolhido Inglês de qualquer forma	34	45,9
Estou a aprender Inglês porque não tive outra opção, e se pudesse, teria escolhido outra língua	15	20,3
Total	74	100,0

Na amostra, 33,8% respondem estar a aprender Inglês porque foi a primeira opção, 45,9% estão a aprender Inglês porque não tiveram outra opção, mas se tivessem, teriam escolhido Inglês de qualquer forma e 20,3% estão a aprender Inglês porque não tiveram outra opção, e se pudessem, teriam escolhido outra língua. Para os 15 elementos que responderam “Estou a aprender Inglês porque não tive outra opção, e se pudesse, teria escolhido outra língua”, essa língua seria preferencialmente o Espanhol ou o Francês, como se pode constatar na Tabela 16.

Tabela 16:  
Línguas escolhidas

	Frequência	Percentagem
Chinês Mandarim	1	6,7
Espanhol	6	40,0
Francês	6	40,0
Italiano	1	6,7
Sérvio	1	6,7
Total	15	100,0

- **Caraterizar a motivação dos estudantes na aprendizagem da Língua Inglesa e as respetivas razões.**

Tabela 17:  
2. Assinale a afirmação com a qual mais se identifica

	Frequência	Percentagem
Gosto de aprender Inglês e não tenho dificuldade em aprender a matéria	16	21,6
Gosto de aprender Inglês, mas tenho alguma dificuldade em aprender a matéria	28	37,8
Gosto de aprender Inglês, mas tenho muita dificuldade em aprender a matéria	24	32,4
Não gosto de aprender Inglês, porque tenho dificuldade em aprender a matéria	6	8,1
Total	74	100,0

Na amostra, 21,6% respondem “Gosto de aprender Inglês e não tenho dificuldade em aprender a matéria”, 37,8% que “Gosto de aprender Inglês, mas tenho alguma dificuldade em aprender a matéria”, 32,4% respondem “Gosto de aprender Inglês, mas tenho muita dificuldade em

aprender a matéria” e 8,1% assinalam “Não gosto de aprender Inglês, porque tenho dificuldade em aprender a matéria”.

Tabela 18:  
**Frequências de respostas: a maior dificuldade na Língua Inglesa**

	Não assinalado		Assinalado	
	N	%	N	%
Aquisição de vocabulário	26	44,8%	32	55,2%
Compreensão de conteúdos gramaticais	23	39,7%	35	60,3%
Expressão escrita	28	48,3%	30	51,7%
Expressão oral	26	44,8%	32	55,2%
Compreensão escrita	35	60,3%	23	39,7%
Compreensão oral	37	63,8%	21	36,2%

A dificuldade mais assinalada é “Compreensão de conteúdos gramaticais” por 60,3%, seguida de “Aquisição de vocabulário” e “Expressão oral” cada assinalada por 55,2%, depois de “Expressão escrita” escolhida por 51,7% e menos assinaladas são as dificuldades na “Compreensão escrita” por 39,7% e na “Compreensão oral” por 36,2%.

- **Caraterizar os hábitos de estudo dos estudantes.**

Tabela 19:  
**Hábitos de estudo: “Costumo estudar Inglês”**

	Frequência	Percentagem
Nunca	27	36,5
Quase nunca	16	21,6
Só antes dos testes	14	18,9
Com alguma regularidade	13	17,6
Todos os dias	4	5,4
Total	74	100,0

Na amostra, 36,5% nunca costumam estudar Inglês, 21,6% quase nunca estudam, 18,9% estudam apenas antes dos testes, 17,6% estudam com alguma regularidade e 5,4% estudam todos os dias.

- **Averiguar em que meios os estudantes estão em contacto com a Língua Inglesa.**

Tabela 20:  
**Contacto com a Língua Inglesa**

	Não assinalado		Assinalado	
	N	%	N	%
para comunicar com outras pessoas na internet	54	73,0%	20	27,0%
para ler notícias/artigos do meu interesse	55	74,3%	19	25,7%
com jogos de vídeo	50	67,6%	24	32,4%
ao ouvir música	37	50,0%	37	50,0%
ao ver filmes	35	47,3%	39	52,7%
nas aulas ou para fazer trabalhos de casa	31	41,9%	43	58,1%

A situação mais assinalada é “nas aulas ou para fazer trabalhos de casa” por 58,1%, seguida de “ao ver filmes” assinalada por 52,7% e “ao ouvir música” escolhida por 50%, menos assinaladas são as restantes opções “com jogos de vídeo” por 32,4%, “para comunicar com outras pessoas na internet” escolhida por 27% e “para ler notícias/artigos do meu interesse” indicada por 25,7%.

- **Caraterizar a percepção dos estudantes quanto à importância do Inglês no mercado de trabalho.**

Tabela 21:  
"Considero que a Língua Inglesa vai ser importante para o meu futuro profissional."

	Frequência	Percentagem
Discordo totalmente	2	2,7
Discordo parcialmente	6	8,1
Concordo parcialmente	44	59,5
Concordo totalmente	22	29,7
Total	74	100,0

Na amostra, 29,7% concordam totalmente com a importância da Língua Inglesa para o seu futuro profissional, 59,5% concordam parcialmente, 8,1% discordam parcialmente e 2,7% discordam totalmente.

Tabela 22:  
Justificações da resposta

	Frequência	Percentagem
Não justificou	27	36,5
Justificou	47	63,5
Total	74	100,0

Na amostra, 63,5% justificaram a resposta. As justificações dadas pelos 47 inquiridos podem ser agrupadas em seis tipos de resposta. A maioria dos respondentes (27,7%) fundamenta a sua resposta alegando que a Língua Inglesa é uma língua mundial, enquanto a segunda maioria (23,4%) diz que esta língua é importante no contexto profissional. Já 21,3% remetem para a importância da língua para efeitos de emigração e 14,9% fazem referência à importância de falar Inglês num mundo globalizado como o nosso. 10,6% não reconhecem a utilidade imediata desta língua, em virtude da sua situação profissional ou de baixas expectativas para o futuro, ainda que 40% deste grupo reconheçam a sua importância. Finalmente, 2,1% dão a justificação mais vaga, alegando apenas que a língua é “importante para o futuro”.

As justificações a esta pergunta podem ser consultadas no Anexo XI.

- Caracterizar os sentimentos dos estudantes perante a aprendizagem da Língua Inglesa.

Tabela 23:  
A dificuldade em aprender Inglês

	Frequência	Percentagem
Aprender Inglês é muito difícil.	19	26,4
Aprender Inglês é difícil.	27	37,5
Aprender Inglês é fácil.	17	23,6
Aprender Inglês é muito fácil.	9	12,5
Total	72	100,0

Verificam-se 2 não respostas.

Na amostra, 26,4% respondem que aprender inglês é muito difícil, 37,5% que aprender inglês é difícil, 23,6% respondem que aprender inglês é fácil e 12,5% que aprender inglês é muito fácil.

- Confrontar os sentimentos dos estudantes perante a aprendizagem da Língua Inglesa com os seus hábitos de estudo.

Sendo as variáveis, cuja relação se pretende estudar, qualitativas ordinais, podem ser analisadas utilizando o coeficiente de correlação de Pearson R, com o resultado de  $r=0,183$  ( $p=ns$ ), sendo a correlação positiva (os formandos que estudam com mais frequência pensam que o Inglês é mais fácil) mas não é estatisticamente significativa.

A análise da relação entre as respostas às duas questões também pode ser realizada pelo estudo da relação entre variáveis ordinais, como se pode observar na Tabela 24.

Tabela 24:  
Cruzamento dos sentimentos dos estudantes perante a aprendizagem da Língua Inglesa e os seus hábitos de estudo

		3.1. Costumo estudar Inglês				
		Nunca	Quase nunca	Só antes dos testes	Com alguma regularidade	Todos os dias
Aprender Inglês é muito difícil.	N	12	4	1	2	0
	% na categoria	63,2%	21,1%	5,3%	10,5%	,0%
Aprender Inglês é difícil.	N	6	7	6	6	2
	% na categoria	22,2%	25,9%	22,2%	22,2%	7,4%
Aprender Inglês é fácil.	N	3	5	3	5	1
	% na categoria	17,6%	29,4%	17,6%	29,4%	5,9%
Aprender Inglês é muito fácil.	N	5	0	3	0	1
	% na categoria	55,6%	,0%	33,3%	,0%	11,1%

Para melhor compreender os dados obtidos, os resultados do estudo da relação entre as variáveis são ilustrados na Figura 6.

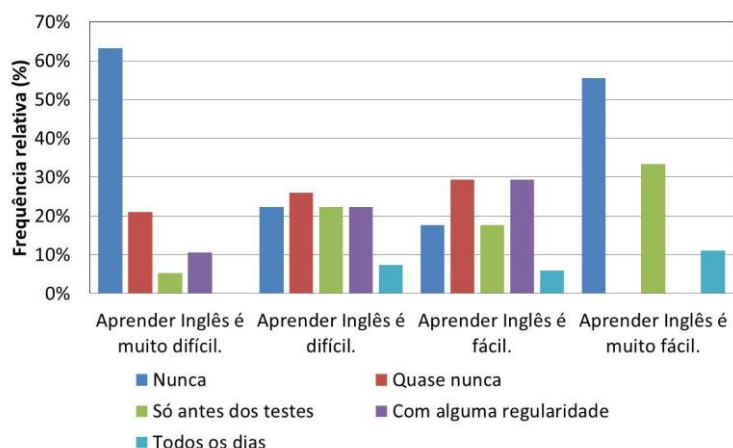


Figura 6. Representação gráfica dos dados da Tabela 24

Na amostra, a percentagem de cada hábito de estudo apresenta as variações ilustradas com os sentimentos perante a aprendizagem do Inglês, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste de Sommer, de Kendal Tau-b, de Kendal Tau-c e Gamma ( $T = 1,791$ ;  $p = ns$ ).

Para facilitar a interpretação dos resultados, as categorias em estudo são agregadas, obtendo-se os resultados observados na Tabela 25.

Tabela 25:  
Hábitos de estudo: categorias agregadas

	Frequência	Percentagem
Nunca ou Quase nunca	43	58,1
Só antes dos testes	14	18,9
Com alguma regularidade ou Todos os dias	17	23,0
Total	74	100,0

Tabela 26:  
Sentimentos em relação à aprendizagem: categorias agregadas

	Frequência	Percentagem
Aprender Inglês é difícil ou muito difícil.	46	63,9
Aprender Inglês é fácil ou muito fácil.	26	36,1
Total	72	100,0

Tabela 27:  
Cruzamento dos hábitos de estudo com os sentimentos: categorias agregadas

		3.1. Costumo estudar Inglês		
		Nunca ou Quase nunca	Só antes dos testes	Com alguma regularidade ou Todos os dias
Aprender Inglês é difícil ou muito difícil.	N	29	7	10
	% na categoria	63,0%	15,2%	21,7%
Aprender Inglês é fácil ou muito fácil.	N	13	6	7
	% na categoria	50,0%	23,1%	26,9%

Para melhor compreender os dados obtidos, os resultados do cruzamento dos hábitos de estudo com os sentimentos são ilustrados na Figura 7.

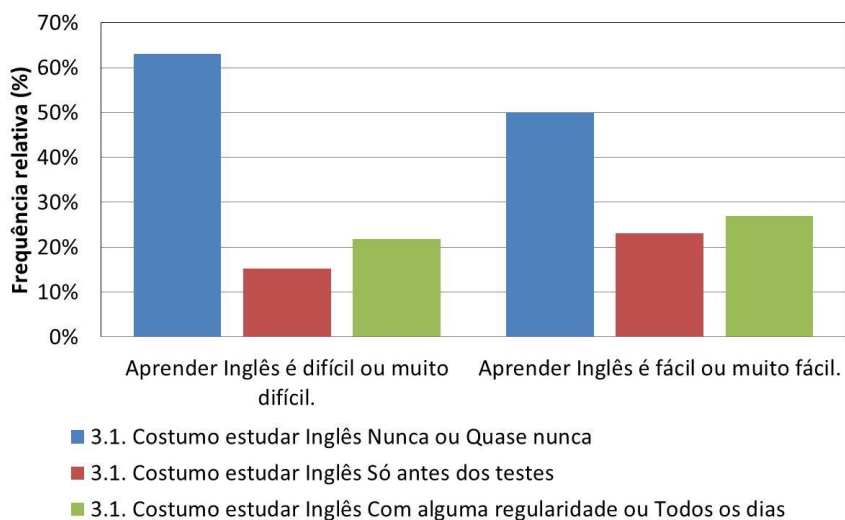


Figura 7. Representação gráfica dos dados da Tabela 27

Na amostra, a percentagem de formandos que estudam nunca ou quase nunca é superior para os formandos que consideram o estudo do Inglês difícil ou muito difícil, e a percentagem de formandos que estudam só antes dos testes ou com alguma regularidade ou todos os dias é superior para os alunos que consideram o estudo do Inglês fácil ou muito fácil, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste de Sommer, de Kendal Tau-b, de Kendal Tau-c e Gamma ( $T = 0,965$ ;  $p = ns$ ).

## 6. Discussão dos Resultados

No que concerne à percepção dos estudantes sobre o escopo da Língua Inglesa, pode observar-se que muitas das respostas dadas na primeira pergunta referem-se a uma mesma coisa, podendo mesmo ser agrupadas num campo semântico. Por exemplo, podíamos agrupar “Turismo” com “Hotelaria”, “Literatura” com “Livros”, “Informática” com “Computador”, “Tecnologia” e “Jogos”, “Televisão” com “Séries” e “Desenhos animados”, e “Férias” com “Viagens”, “Agências de viagens”, “Imigração” e “Trabalho no estrangeiro”.

Posto isto, podemos observar 47 respostas dadas, sendo que, segundo a literatura, apenas 14 (29,8%) estão corretas: “Filmes”, “Música”, “Internet”, “Turismo”, “Literatura”, “Informática”, “Televisão”, “Artigos científicos”, “Ciências”, “Anúncios”, “Desporto”, “Ensino”, “Tradução” e “Férias”. Deve-se também ressaltar que 10,8% não responderam, outros 10,8% só deram uma resposta, 9,5% deram duas respostas, 12,2% deram três respostas, 18,9% deram quatro respostas e só 37,8% forneceram as cinco hipóteses pedidas. No entanto, nenhum destes inquiridos conseguiu dar cinco respostas diferentes e totalmente corretas.

Daqui se pode concluir que os formandos têm um conhecimento limitado sobre as áreas onde a Língua Inglesa tem um papel preponderante, pois apenas 29,8% das respostas dadas estão corretas, e duas das mais frequentes (“Filmes” e “Música”) foram dadas como exemplo no enunciado da pergunta, apesar de os formandos terem recebido indicações para não usá-las. Sendo assim, consideram-se 12 respostas corretas de um total de pelo menos 27 respostas possíveis<sup>2</sup>, e uma das mais frequentes (Jogos), excluindo aquelas dadas como exemplo, perfaz apenas 24,3% da amostra.

Relativamente aos países onde a Língua Inglesa é a língua principal, consideram-se 16 (51,6%) das respostas dadas como corretas, ainda que algumas das mais frequentes, como a Escócia, Inglaterra, Irlanda do Norte e País de Gales, possam ser consideradas respostas repetidas, pois todos estes países fazem parte do Reino Unido. Da mesma forma que a “América” é erroneamente usada para se referir aos E.U.A.. Ainda assim, considerando todas estas respostas como corretas, elas perfazem apenas 18,2% do total de 88 respostas possíveis.<sup>3</sup>

Em relação ao *ranking* do Inglês no contexto das línguas nativas mais faladas a nível mundial, as percepções dos formandos no que concerne o Inglês, Espanhol e Português aproximam-se das estatísticas da maioria dos autores referidos na revisão teórica, apesar de considerarem que o Inglês é mais falado do que o Chinês Mandarim por falantes nativos. Relativamente às outras línguas, as respostas não correspondem aos dados apresentados na literatura.

No que concerne às línguas nativas, segundas línguas e línguas estrangeiras mais faladas, as respostas não variam muito em relação às respostas da pergunta anterior, observando-se a mudança de posição do Francês que foi ultrapassado pelo Português, e o Chinês Mandarim que desceu duas posições, sendo suplantado pelo Alemão e Japonês. À exceção do Inglês que ocupa novamente o primeiro lugar, o *ranking* das outras línguas não se aproxima dos dados apresentados na literatura. Deve referir-se que 14,7% dos respondentes deram a mesma resposta nas duas perguntas.

Analisadas as respostas, podemos concluir que os formandos têm a consciência que o Inglês é a língua mais falada do mundo, pois 79,7% da amostra colocaram-na nos primeiros

---

<sup>2</sup> Banca internacional, comércio internacional, competições internacionais, conferências internacionais, controlo aéreo, desenvolvimentos científicos, desenvolvimento tecnológico, desporto, diplomacia, ensino superior, filmes, hotelaria, Internet, Interpretação, lei internacional, livros, música, negócios financeiros e comerciais, negócios internacionais, organizações internacionais, publicação científica, publicidade, recursos culturais e comunicação global, segurança internacional, séries de televisão, tradução e turismo internacional.

<sup>3</sup> África do Sul, Anguila, Antígua e Barbuda, Austrália, Bahamas, Barbados, Belize, Bermudas, Botswana, Canadá, Christmas Island, Cocos (Keeling), Dominica, Eritreia, Estados Federados da Micronésia, Etiópia, EUA, Fiji, Filipinas, Gana, Gibraltar, Granada, Guam, Guernsey, Guiana, Hong Kong, Ilha de Man, Ilhas Caimão, Ilhas Cook, Ilhas Malvinas, Ilhas Marianas do Norte, Ilhas Marshall, Ilhas Pitcairn, Ilhas Salomão, Ilhas Turks e Caicos, Ilhas Virgens Britânicas, Ilhas Virgens dos EUA, Índia, Irlanda, Jamaica, Jersey, Kiribati, Lesoto, Libéria, Malavi, Malta, Maurícia, Montserrat, Namíbia, Nauru, Nigéria, Niue, Norfolk Island, Nova Zelândia, Palau, Papua-Nova Guiné, Paquistão, Porto Rico, Quênia, Reino dos Países Baixos, Reino Unido, República da Gâmbia, República de Singapura, República dos Camarões, Ruanda, Samoa, Samoa Americana, Santa Helena, Ascensão e Tristão da Cunha, Santa Lúcia, Santo André, Providência e Santa Catarina, São Cristóvão e Nevis, São Martinho (Caraíbas), São Vicente e Granadinas, Serra Leoa, Seychelles, Somalilândia, Suazilândia, Sudão, Sudão do Sul, Tanzânia, Tokelau, Tonga, Trinidad e Tobago, Tuvalu, Uganda, Vanuatu, Zâmbia, Zimbábue.

dois lugares da lista das línguas nativas, e 76,5% colocaram-na nos dois primeiros lugares da lista de falantes L1, L2 e LE.

No que refere à importância do Inglês no mercado de trabalho, 69,9% concordam totalmente que a fluência em Língua Inglesa pode facilitar o acesso a certos empregos, 26% concordam parcialmente e apenas 4,1% discordam, enquanto ninguém discorda totalmente. Quando solicitados para dar três exemplos de empregos onde falar Inglês seja essencial para ser contratado, apenas 11 (18%) das hipóteses dadas se aproximam das respostas esperadas, ainda que as cinco mais frequentes estejam diretamente relacionadas com o “Turismo”. A maioria das respostas que se distanciam desta área foi dada pela percentagem mais baixa da amostra: “Aeroporto”, “Agência de viagens”, “Relações públicas” e “Tradutor” com 5,4%, “Controlador aéreo” com 4,1%, “Empresas internacionais” com 2,7% e “Marketing” com 1,4%. Também verificamos que 14,9% não responderam a esta pergunta, 12,2% deram duas hipóteses e 10,8% deram apenas uma. 62,1% da amostra forneceram as três hipóteses solicitadas, mas nenhum deles conseguir dar três totalmente corretas.

Então, podemos também constatar aqui alguma falta de conhecimentos por parte dos respondentes acerca da importância do Inglês no mercado de trabalho, visto que as respostas corretas mais dadas encontram-se entre os 17% e 10% da amostra.

Em relação à razão para os formandos aprenderem Inglês, como pudemos ver, a sua maioria (66,2%) está a aprender Inglês por imposição, sendo que 20,3 dessa percentagem, se tivessem hipótese de escolha, optariam ou o Espanhol ou o Francês. No entanto, 33,8% dizem que estão a estudar Inglês por escolha própria e 45,9%, apesar de ser por imposição, dizem que escolheriam Inglês de qualquer forma, perfazendo um total de 79,7% que manifestam aceitação em aprender esta língua. Podemos dizer então que a motivação da maioria dos formandos resulta de uma combinação de motivação intrínseca/integrativa e extrínseca/instrumental, pois a vontade em aprender parte tanto da sua vontade inata como também de fatores e recompensações externos, tais como a necessidade profissional (Brown, 2000; Figueiredo, 2011; Müller, 2003).

Na amostra, 91,9% dizem gostar de aprender Inglês, no entanto apenas 21,6% dizem não ter dificuldade em aprender a matéria. A maioria dos formandos (78,4%) diz ter dificuldade em aprender a matéria, sendo ela “alguma” para 37,8% e “muita” para 32,4%. Apenas uma minoria de 8,1% dizem não gostar de aprender Inglês por terem dificuldades. Estes resultados são corroborados pela maioria dos formadores, que consideram a adesão dos seus formandos à Língua Inglesa é satisfatória.

Relativamente às dificuldades assinaladas por quem referiu ter dificuldades na aprendizagem da língua, as mais assinaladas são “Compreensão de conteúdos gramaticais”, “Aquisição de

vocabulário” e “Expressão oral” com percentagens empreendidas entre os 60 e 51 valores. As menos assinaladas prendem-se com a “Compreensão escrita” e “oral”.

No que respeita aos hábitos de estudo, a maioria dos formandos (36,5%) “nunca” costumam estudar Inglês, comparando com os 5,4% que estudam “todos os dias”. Se juntarmos os formandos que “nunca” estudam com os que estudam “quase nunca” ou só “antes dos testes”, ficamos com 77% de formandos que não têm hábitos regulares de estudo.

Relativamente à exposição dos formandos ao Inglês, a maioria (58,1%) diz que é “nas aulas ou para fazer trabalhos de casa” quando estão em contacto com a língua. À primeira vista, estes parecem valores consideráveis, mas ganham outro significado se nos reportarmos para os dados da pergunta anterior, na qual a maioria diz não ter hábitos de estudo. Logo, se tivermos em conta que a carga horária semanal deste tipo de cursos não é fixa, a exposição dos formandos ao Inglês no contexto de sala de aula fica aquém do ideal. As outras opções mais assinaladas foram “ao ver filmes” por 52,7%, “ao ouvir música” escolhida por 50% e com jogos de vídeo” por 32,4%. Desta forma, parece que os formandos estão mais em contacto com o Inglês durante atividades de lazer.

Na amostra, 29,7% concordam totalmente com a importância da Língua Inglesa para o seu futuro profissional, enquanto 59,5% concordam parcialmente. Ou seja, a esmagadora maioria (89,2%) concorda, enquanto 8,1% deste grupo discordam parcialmente e 2,7% concordam totalmente. Na justificação das respostas, a maioria dos respondentes (27,7%) considera a Língua Inglesa importante para o seu futuro profissional por ser uma língua mundial, enquanto a segunda maioria (23,4%) considera-a uma ferramenta importante para o trabalho. Uma outra percentagem ligeiramente mais baixa (21,3%) considera a língua importante na eventualidade de emigração e 14,9% aludem à importância do Inglês para poder comunicar num mundo globalizado como o nosso. Apenas uma minoria de 10,6% não considera a língua útil devido à sua situação socioprofissional precária. Podemos concluir, através destas respostas, que os formandos consideram a Língua Inglesa ser uma mais-valia, por ser um fator inclusivo num mundo globalizado onde a maioria das pessoas fala Inglês, bem como para obter um emprego melhor.

A maioria dos formandos (63,9%) considera que aprender Inglês é difícil, sendo que 26,4% desta amostra consideram-no muito difícil, enquanto 36,1% consideram-no fácil, sendo que apenas 12,5% deste grupo consideram-no muito fácil. Quando confrontamos estes dados com os hábitos de estudo dos formandos, podemos constatar dois polos extremos: os formandos que afirmam “nunca” estudar Inglês correspondem àqueles que o consideram “muito difícil” (63,2%) e “muito fácil” (55,6%).

Também quando agrupados os dados em categorias, podemos observar que a percentagem de formandos que estudam “nunca” ou “quase nunca” é maior para os formandos que

consideram o estudo do Inglês “difícil” ou “muito difícil” do que para aqueles que a consideram fácil ou muito fácil, da mesma forma que a percentagem de formandos que estudam “só antes dos testes”, “com alguma regularidade” ou “todos os dias” é maior para os formandos que consideram o estudo do Inglês “fácil” ou “muito fácil” do que para aqueles que o consideram difícil ou muito difícil.

## Conclusões

Segundo os critérios enunciados por Crystal (2003), uma língua atinge o estatuto global quando é eleita como língua oficial de um país ou quando é a principal LE ensinada num país onde a mesma não tem um estatuto oficial. Ora então, tendo em conta que a Língua Inglesa é uma língua *de jure* ou *de facto* em 88 estados soberanos e entidades não soberanas, bem como uma LE ensinada em mais de 100 países, incluindo o nosso, podemos afirmar que o Inglês é inequivocamente a língua global dos dias de hoje. E como pudemos ver, o estatuto mundial do Inglês deve-se essencialmente a dois fatores: a expansão do poder colonial britânico, que disseminou a língua pelo mundo, atingindo o seu auge no final do século XIX, e a ascensão dos Estados Unidos como a principal potência económica do século XX, que assegurou e promoveu a presença mundial da língua.

A partir da primeira metade do século XX, o Inglês tornou-se o principal idioma da política internacional, da académica e de reuniões comunitárias (Crystal, 2003). Nos dias de hoje, o Inglês é a língua mais internacionalizada nas organizações e conferências, nas publicações científicas, na banca internacional, na economia, nos negócios, no comércio, na publicidade internacional, nos produtos audiovisuais, na indústria musical e cinematográfica, na linguagem turística, na segurança internacional e no direito internacional (Graddol, 2000).

Neste estudo pudemos observar que os formandos manifestam um conhecimento limitado acerca deste escopo da Língua Inglesa. Pois, embora estes considerem a língua importante, constata-se algumas incongruências entre as suas afirmações e as respetivas sustentações. Nenhum destes inquiridos conseguiu indicar corretamente cinco áreas onde a Língua Inglesa tem um papel preponderante, nem cinco países onde essa língua seja a língua principal, para além das respostas mais evidentes. E apesar da esmagadora maioria concordar que a fluência em Língua Inglesa pode facilitar o acesso a certos empregos, nenhum dos respondentes foi capaz de listar três profissões onde a fluência dessa língua seja um pré-requisito essencial, e a resposta correta referida com mais frequência foi dada por uma pequena percentagem da amostra. Por outro lado, estas respostas entram em direta contradição com a percepção que os alunos têm em relação ao *ranking* das línguas mais faladas, onde a maioria indicou o Inglês.

Relativamente à motivação evidenciada pelos formandos na aprendizagem da Língua Inglesa, pudemos verificar que na maioria esta resulta de uma combinação de motivação intrínseca/integrativa e extrínseca/instrumental (Brown, 2000; Figueiredo, 2011; Müller,

2003), o que vai ao encontro do pensamento de Pulver (2011, citado por Figueiredo, 2011), que aponta para a possibilidade de ambas poderem estar simultaneamente presentes num mesmo indivíduo.

Sendo assim, deveríamos supor que estes formandos têm todas as condições para alcançar o sucesso na aprendizagem da língua, particularmente se tivermos em conta que a maioria diz gostar de aprender Inglês e que os seus formadores têm uma “tendência para nivelar a apresentação dos conteúdos, indo ao encontro dos formandos com mais dificuldades” (F3). Contudo, nos resultados relativos aos hábitos de estudo, os formandos revelam não ter hábitos regulares, o que possivelmente explica o facto de uma larga percentagem admitir ter dificuldade em aprender a matéria e considerar a aprendizagem do Inglês difícil.

Também deve notar-se que a maioria dos formandos que considera o Inglês difícil ou muito difícil são aqueles que admitem “nunca” ou “quase nunca” estudar. Contudo, se existe ou não alguma correlação entre estes dois fatores, não é possível determinar sem um estudo mais aprofundado.

Posto isto, podemos concluir que as percepções avançadas pelos formandos acerca da importância da Língua Inglesa não se coadunam com as suas atitudes nem com o seu conhecimento sobre o escopo e relevância da mesma, nem tão pouco com a percepção que os formadores afirmam ter sobre a dos seus formandos. Pois enquanto a maioria dos formandos considera que a fluência nessa língua pode facilitar o acesso a certos empregos e que esta vai ser importante para o seu futuro profissional, seria de esperar que os mesmos fossem mais dedicados ao estudo e que evidenciassem um maior entendimento acerca da influência e magnitude do Inglês, já que afirmam gostar de aprender este idioma. Assim, configura-se-nos perguntar: será que as assunções destes formandos sobre a importância da Língua Inglesa assentam meramente no senso comum? E a dificuldade que os formandos encontram na aprendizagem da língua deve-se simplesmente a uma falta de aptidão linguística, ou à falta de estudo?

Considerando que não se verificam outras investigações sobre este tópico ao nível nacional, este estudo tem a potencialidade de ser aplicado noutros contextos educativos, nomeadamente no ensino secundário, onde se tem verificado uma crescente fluxo dos alunos para o ensino do Castelhana, e no ensino universitário.

Em relação às limitações deste estudo, destaca-se a ausência do investigador durante os momentos da recolha de dados, em virtude de evitar o condicionamento de respostas e enviesamento dos dados, não podendo assim garantir que não houvesse troca de ideias entre os respondentes. A aplicação dos inquéritos ficou assim ao cargo do diretor do I.E.F.P., que por sua vez se encontrava condicionado pela sua própria disponibilidade profissional. Devido a isto, e apesar dos seus esforços, o diretor não pode aplicar os inquéritos durante prazo

previsto, tendo dois cursos chegado ao fim antes do momento da recolha. Uma outra limitação prende-se com o facto de, tratando-se de um estudo de caso, a amostra ser por conveniência, não podendo assim abranger os outros Centros do distrito.

Este estudo pode servir como ponto de partida para uma investigação mais aprofundada que procure responder às questões supracitadas, e um projeto de intervenção que procure colmatar as lacunas encontradas nas percepções e atitudes dos formandos em relação à Língua Inglesa e a sua respetiva aprendizagem.

Finalmente, consideramos que também seria interessante analisar a evolução das percepções destes formandos, ao longo dos anos, tornando esta investigação num estudo longitudinal. A aplicação deste estudo a nível nacional, ainda que ambicioso, seria igualmente extremamente producente, no sentido de obter um retrato da realidade de todos os aprendentes da Língua Inglesa.



## Referências

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Alcindo, A. C. (2006, 30 de novembro). A defesa da Língua Portuguesa pelo estado e pelos cidadãos, *Mundo Lusíada*. Acedido em 30/05/2012 em <http://portaldalusofonia.blogspot.pt/2006/12/da-lingua-e-da-cultura-portuguesa-em.html>
- Assembleia da Republica. Decreto de 17 de novembro de 1836. Plano dos Liceus Nacionais.
- Barros, A. A. (1999, 12 de agosto). Ciência Mata a Língua Portuguesa, *Público*.
- Bento, C., Coelho, R., Joseph, N., & Mourão, S. J. (2005). *Programa de Generalização do Ensino de Inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico*: Ministério da Educação.
- Bowker, (2012). Publishing Market Shows Steady Title Growth in 2011 Fueled Largely by Self-Publishing Sector. Retrieved 02/07/2012, from [http://www.bowker.com/en-US/aboutus/press\\_room/2012/pr\\_06052012.shtml](http://www.bowker.com/en-US/aboutus/press_room/2012/pr_06052012.shtml)
- Brown, H. D. (2000). *Principles of Language Learning and Teaching* (4th ed.) New York: Addison Wesley Longman, Inc.
- Carvalho, P. T. d. (2012, 28 de maio). Um grupo de investigadores protesta contra a "ditadura" da língua inglesa na produção científica, *Público*.
- Crystal, D. (2003). *English as a global language* (2nd ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behavior*. New York: Plenum Press.
- Diniejko, A. (n.d.). A Brief History of the English Language Retrieved 22/01/2012, from [http://www.woe.edu.pl/modules.php?sid=&mm=2&module=Articles&mode=show\\_article&art\\_id=21&section\\_id=6](http://www.woe.edu.pl/modules.php?sid=&mm=2&module=Articles&mode=show_article&art_id=21&section_id=6)
- Eurobarometer & European Commission (2012). *Europeans and their Languages*. Retrieved 11/04/2012, from [http://ec.europa.eu/public\\_opinion/archives/ebs/ebs\\_386\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_386_en.pdf)

- European Commission (2008). *Languages Mean Business*. Retrieved 07/02/2012, from [http://ec.europa.eu/languages/documents/publications/davignon\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/languages/documents/publications/davignon_en.pdf)
- Ferguson, G., Pérez-Llantada, C., & Plo, R. (2011). English as an international language of scientific publication: a study of attitudes. *World Englishes*, 30(1), 41-59.
- Fidalgo, A. (2006, 12 de novembro). O vernáculo e a ciência em Portugal, *Diário de Notícias*.
- Figueiredo, L. (2011). *O Papel da Motivação na Construção da Aprendizagem* (Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de Lisboa).
- Gardner, R. C., & Lambert, W. E. (1972). *Attitudes and Motivation in Second Language Learning*. Rowley: Newbury House.
- Gois, M. V. S. (n.d.). *A Influência dos Estrangeirismos na Língua Portuguesa: Um Processo de Globalização, Ideologia e Comunicação*. Universidade Tiradentes. Online. Acedido em [http://www.filologia.org.br/revista/40/A INFLUÊNCIA DOS ESTRANGEIRISMOS.pdf](http://www.filologia.org.br/revista/40/A%20INFLU%C3%87NCIA%20DOS%20ESTRANGEIRISMOS.pdf)
- Goldfarb, J. (2006). Bookish Britain overtakes America as top publisher. *Reuters Entertainment*. Retrieved from [http://www.redorbit.com/news/entertainment/499053/bookish\\_britain\\_overtakes\\_america\\_as\\_top\\_publisher/](http://www.redorbit.com/news/entertainment/499053/bookish_britain_overtakes_america_as_top_publisher/)
- Graddol, D. (2000). *The Future of English?* (2nd ed.). UK: The British Council.
- I.E.F.P. (2012). Plano de Formação. Castelo Branco: I.E.F.P..
- Internet World Users by Language: World Internet Usage Statistics Top Languages Retrieved 02/07/2012, from <http://www.internetworldstats.com/stats7.htm>
- Languages. *The World Factbook*. Central Intelligence Agency. Retrieved 12/02/2012, from <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2098.html>
- Li, T. (2010). *The Role of English in International Business: the Case of China*. Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro. (SFRH/BD/29248/2006)
- List of Wikipedias (s.d.). *Wikipedia* Retrieved 23/08/2012, from [http://meta.wikimedia.org/wiki/List\\_of\\_Wikipedias](http://meta.wikimedia.org/wiki/List_of_Wikipedias)
- Ministério da Educação e Ciência. Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho. Revisão da Estrutura Curricular.

- Ministério da Educação. Despacho n.º 14460/2008 de 26 de maio. Regulamento de acesso ao financiamento do programa das actividades de enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico.
- Ministério da Educação. Despacho n.º 14 753/2005 de 5 de julho. Regulamento de acesso ao financiamento do programa de generalização do ensino de inglês nos 3º e 4º anos do 1º ciclo do ensino básico público
- Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação. Portaria n.º 230/2008 de 7 de março.
- Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação. Portaria n.º 1497/2008 de 19 de dezembro.
- Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação. Portaria n.º 453/2004 de 27 de julho.
- Moreira, G. (2006). Globality and interculturality in the teaching of English. In R. Bizarro (Org.), *Como abordar... A Escola e a Diversidade Cultural* (pp. 190-199). Perafita: Areal.
- Müller, V. (2003). *Motivationsförderung bei Schülerinnen und Schülern mit Lernbehinderungen*. Norderstedt: GRIN.
- Nunes, A. (2000). Além do inglês: O terceiro idioma faz a diferença no mercado. Acedido em 25/10/2011 em [http://veja.abril.com.br/251000/p\\_172.html](http://veja.abril.com.br/251000/p_172.html)
- Pires, E. C. R. (2000). *A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização*. Instituto Politécnico de Bragança. Bragança. Acedido em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/215/1/67%20-%20A%20l%C3%ADngua%20inglesa.pdf>
- Power, C. (2005). Not the Queen's English. *Newsweek*. Retrieved from The Daily Beast website: <http://www.thedailybeast.com/newsweek/2005/03/07/not-the-queen-s-english.html>
- Pulver, T. (2011). *Motivation als Lernvariable im Fremdsprachenunterricht*. Norderstedt: GRIN.
- Revuz, C. (1992). A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio (S. Serrani-Infante, Trans.). In I. Signorini (Org.), *Língua(gem) e identidade: elementos*

- para uma discussão no campo aplicado* (1998 ed., pp. 213-230). Campinas: Mercado de Letras.
- Schütz, R. (2004, 11 de setembro). Monolinguismo: O Analfabetismo dos Tempos Atuais. Acedido em 12/02/2012 em <http://www.sk.com.br/sk-monol.html>
- Schütz, R. (2010, 3 de julho). O Inglês como Língua Internacional. Acedido em 12/02/2012 em [www.sk.com.br/sk-ingl.html](http://www.sk.com.br/sk-ingl.html)
- Seidlhofer, B. (2009). Common ground and different realities: world Englishes and English as a lingua franca. *World Englishes*, 28(2), 236-245.
- SkillPortugal (s.d.). Acedido em 21/01/2012 em <http://skillsportugal.iefp.pt/Historia.aspx>
- The World's Most Widely Spoken Languages (s.d.). *Saint Ignatius High School*. Retrieved 14/12/2011, from <http://www2.ignatius.edu/faculty/turner/languages.htm>
- Tondelli, M. d. F., Francisco, A. C. d., & Carvalho, H. G. d. Aquisição de línguas estrangeiras como diferencial competitivo no desempenho profissional. Acedido em 05/10/2011 em <http://www.admpg.com.br/2007/anais/2004/artigos/T03-23.pdf>
- União Europeia (s.d.). Sínteses da legislação da UE. Acedido em 5/11/2011 em [http://europa.eu/legislation\\_summaries/employment\\_and\\_social\\_policy/eu2020/growth\\_and\\_jobs/index\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/employment_and_social_policy/eu2020/growth_and_jobs/index_pt.htm)
- Vasconcelos, S. (2008). Ciência e Cultura. *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 59(3), 4-5
- Weber, G. (1997). Top Languages: The World's 10 most influential Languages. *Language Today*, 2, 12-18. Retrieved 21/01/2012 from <http://www.andaman.org/BOOK/reprints/weber/rep-weber.htm>
- WorldSkills Europe (s.d.). Retrieved 21/01/2012, from <http://www.euroskills.org/cms/index.php/about>
- York, L. B. (1999). A History of the English Language- Past Changes Precipitate Worldwide Popularity. Retrieved 05/02/2012, from <http://linguistics.byu.edu/classes/ling450ch/reports/english2.html>

## Anexos



## Anexo I

O presente inquérito insere-se no âmbito do Mestrado de Supervisão Pedagógica, pelo Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior. Neste momento encontramos-nos a realizar a um estudo sobre a **importância de ensinar línguas estrangeiras em Portugal**.

A sua participação é decisiva para a concretização deste estudo, o que nos leva, desde já, a agradecer a sua colaboração.

Asseguramos que em circunstância alguma será mencionada a sua identificação assim como garantimos a absoluta confidencialidade das informações prestadas, sendo feita apenas uma análise de conteúdo das mesmas.

O presente questionário é especificamente direcionado a formadores de língua inglesa no Instituto de Emprego e Formação Profissional de Castelo Branco.

<b>Identificação do inquirido</b>	
<b>Género:</b>	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino
<b>Idade:</b>	
<b>Tempo de serviço na Instituição:</b>	
<b>Habilitação académica:</b>	
<b>Categoria profissional:</b>	
<b>Tipo de cursos atualmente ministrados:</b>	

## Questionário

1	De um modo geral, como classifica o rendimento escolar dos formandos que teve até agora?

<b>2</b>	<b>Na sua opinião, qual é a importância de ensinar a língua inglesa em cursos de formação?</b>

<b>3</b>	<b>Na sua opinião, considera que os seus formandos consideram a língua inglesa importante? Porquê?</b>

<b>4</b>	<b>Na sua opinião, como é a adesão dos seus formandos à língua inglesa?</b>

<b>5</b>	<b>Por que considera que a sua percepção sobre a importância da língua inglesa se assemelha/difere à dos seus formandos?</b>

6	Procura incutir nos seus formandos a importância de aprender a língua inglesa? De que forma?

Gratos pela sua colaboração!



## Anexo II

O presente inquérito insere-se no âmbito do Mestrado de Supervisão Pedagógica, pelo Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior. Neste momento encontramos-nos a realizar a um estudo sobre a **perceção que os alunos têm sobre as diversas línguas estrangeiras ensinadas a nível nacional**.

A sua participação é decisiva para a concretização deste estudo, o que nos leva, desde já, a agradecer a sua colaboração.

Asseguramos que em circunstância alguma será mencionada a sua identificação assim como garantimos a absoluta confidencialidade das informações prestadas, sendo feita apenas uma análise de conteúdo das mesmas.

O presente questionário é especificamente direcionado a alunos de língua inglesa do Instituto de Emprego e Formação Profissional de Castelo Branco.

<b>Identificação do inquirido</b>
<b>Género:</b> <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino
<b>Idade:</b> _____
<b>Tipo de curso que frequenta:</b> <input type="checkbox"/> Aprendizagem <input type="checkbox"/> EFJ <input type="checkbox"/> EFA
<b>Nível e área de escolaridade já atingido:</b> <input type="checkbox"/> 7º <input type="checkbox"/> 8º <input type="checkbox"/> 9º <input type="checkbox"/> 10º <input type="checkbox"/> 11º <input type="checkbox"/> 12º
<b>Meta pretendida (formação profissional):</b> .....

## Questionário

### PARTE I – A Língua

1. Indique **cinco** áreas onde a língua inglesa tenha um papel preponderante (por exemplo, filmes e música).

.....  
 .....

2. Indique **cinco** países onde a língua inglesa seja a língua principal.

.....  
 .....

3. Atente às seguintes questões.

3.1. Considere as seguintes línguas como **línguas nativas** e ordene-as de 1 a 10, sendo que 1 corresponde à língua mais falada, e 10 à menos falada.

- \_\_\_ Alemão
- \_\_\_ Árabe
- \_\_\_ Chinês Mandarim
- \_\_\_ Espanhol
- \_\_\_ Francês
- \_\_\_ Inglês
- \_\_\_ Japonês
- \_\_\_ Persa
- \_\_\_ Português
- \_\_\_ Russo

3.2. Considere as seguintes línguas como **línguas nativas, segundas línguas e línguas estrangeiras** e ordene-as de 1 a 10, sendo que 1 corresponde à língua mais falada, e 10 à menos falada.

- \_\_\_ Alemão
- \_\_\_ Árabe
- \_\_\_ Chinês Mandarim
- \_\_\_ Espanhol
- \_\_\_ Francês
- \_\_\_ Inglês
- \_\_\_ Japonês
- \_\_\_ Persa
- \_\_\_ Português
- \_\_\_ Russo

4. “A fluência em língua inglesa pode facilitar o acesso a certos empregos.”

4.1. Indique o seu grau de concordância com esta afirmação:

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

5. Indique **três** exemplos de empregos onde considere que falar Inglês seja essencial para ser contratado.

.....  
.....  
.....

### PARTE II – Eu e a Língua

1. Assinale a afirmação com a qual mais se identifica. Assinale apenas **uma** resposta.
- Estou a aprender Inglês porque foi a minha primeira opção.
  - Estou a aprender Inglês porque não tive outra opção, mas se tivesse, teria escolhido Inglês de qualquer forma.
  - Estou a aprender Inglês porque não tive outra opção, e se pudesse, teria escolhido outra língua. (Indique qual: .....)

2. Assinale a afirmação com a qual mais se identifica. Assinale apenas **uma** resposta.
- Gosto de aprender Inglês e **não** tenho dificuldade em aprender a matéria.
  - Gosto de aprender Inglês, mas tenho **alguma** dificuldade em aprender a matéria.
  - Gosto de aprender Inglês, mas tenho **muita** dificuldade em aprender a matéria.
  - Não** gosto de aprender Inglês, porque tenho dificuldade em aprender a matéria.
  - Não** gosto de aprender Inglês, porque .....
- .....  
.....

- 2.1. Se a sua resposta anterior se encontra entre as alíneas 2 e 4, indique qual a sua maior dificuldade na língua inglesa. Pode indicar mais do que uma resposta:
- Aquisição de vocabulário
  - Compreensão de conteúdos gramaticais
  - Expressão escrita
  - Expressão oral
  - Compreensão escrita
  - Compreensão oral

3. Quais são os seus hábitos de estudo? Assinale apenas **uma** resposta.

3.1. Costumo estudar Inglês:

- nunca
- quase nunca
- só antes dos testes
- com alguma regularidade
- todos os dias

4. Assinale as opções com as quais mais se identifica. Pode assinalar mais do que uma opção.

4.1. Estou em contacto com a língua inglesa:

- para comunicar com outras pessoas na internet
- para ler notícias/artigos do meu interesse
- com jogos de vídeo
- ao ouvir música
- ao ver filmes
- nas aulas ou para fazer trabalhos de casa

5. “Considero que a língua inglesa vai ser importante para o meu futuro profissional.”

5.1. Indique o seu grau de concordância com esta afirmação:

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

5.2. Justifique a sua resposta.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

6. Assinale a afirmação com a qual mais se identifica. Assinale apenas **uma** resposta.
- Aprender Inglês é muito difícil.
  - Aprender Inglês é difícil.
  - Aprender Inglês é fácil.
  - Aprender Inglês é muito fácil.

Gratos pela sua colaboração!



### Anexo III

Exmo. Senhor Doutor Jorge Pio

Encontrando-me a frequentar o Curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, no Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior, e estando a desenvolver um projeto de investigação intitulado «Perceções dos alunos Portugueses face à aprendizagem da língua inglesa», orientado pelo Professor Doutor Manuel Loureiro, venho por este meio solicitar a sua colaboração na recolha de dados que pretendo efetuar.

Tal como o título sugere este trabalho de investigação destina-se a conhecer as representações dos formandos em relação à importância da língua inglesa, e a perceção que os respetivos formadores de inglês têm dos seus formandos em relação a este tema. A recolha de dados será feita através de um inquérito, num único momento que irá ocorrer no primeiro trimestre de 2012. Asseguro desde já que em circunstância alguma será mencionada a identificação dos formandos e formadores consultados, bem como a absoluta confidencialidade das informações prestadas, sendo feita apenas uma análise de conteúdo das mesmas.

Saliento a importância da participação desta instituição, sendo esta decisiva para a concretização deste projeto.

Agradecendo desde já a sua atenção para o solicitado, apresento os meus melhores cumprimentos.

Castelo Branco, 04 de dezembro de 2011

## Anexo IV

Os presentes inquéritos inserem-se no âmbito do Mestrado de Supervisão Pedagógica, pelo Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior. O estudo concerne a **perceção que os alunos têm sobre as diversas línguas estrangeiras ensinadas a nível nacional**.

<p><b>Tipologia:</b></p> <p><b>Curso:</b></p> <p><b>Número de exemplares:</b> ____ ( __ folhas agrafadas com __ páginas impressas)</p>
<b>Indicações gerais:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os inquiridos não deverão assinar o nome em nenhuma parte do inquérito;</li> <li>• Os inquiridos não deverão trocar ideias ou repostas entre si;</li> <li>• O aplicador pode a qualquer momento, mas sem fornecer respostas, esclarecer dúvidas sobre a compreensão das perguntas/vocabulário;</li> <li>• Se os inquiridos não souberem responder a alguma pergunta, então deverão deixá-la em branco;</li> <li>• Na <b>primeira pergunta</b> da Parte I, os inquiridos não deverão usar os exemplos fornecidos na sua resposta.</li> </ul>
<b>Esclarecimento:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• No item “<b>Meta pretendida</b>” do campo da identificação do inquirido, este deverá indicar se pretende prosseguir com a sua formação depois de acabar o curso atual, ou se pretende integrar logo no mercado de trabalho.</li> </ul>

## Anexo V

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
Os formandos e a língua	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="477 440 763 469">• O aproveitamento</li> </ul>	<p data-bbox="954 440 2096 592"><b>Questionário 1</b> “De uma forma geral, o rendimento é bastante fraco. [...] As turmas são quase sempre muito heterogéneas, com disparidades ao nível das apetências, ritmos de aprendizagem, competências linguísticas, etc.”</p> <p data-bbox="954 639 2096 746"><b>Questionário 2</b> “Até ao momento, o rendimento da generalidade dos alunos revela-se bastante satisfatório [...]”</p> <p data-bbox="954 794 2096 946"><b>Questionário 3</b> “[...] o rendimento escolar dos meus formandos é muito heterogéneo [...]tendência para nivelar a apresentação dos conteúdos, indo ao encontro dos formandos com mais dificuldades.”</p> <p data-bbox="954 994 1733 1062"><b>Questionário 4</b> “[...] rendimento escolar dos formandos é satisfatório [...]”</p> <p data-bbox="954 1110 2096 1300"><b>Questionário 5</b> “O rendimento escolar tem sido razoável [...]. Por outro lado os formandos tiveram percursos diferenciados e quase sempre as turmas revelam-se muito heterogéneas, quanto aos requisitos da língua estrangeira, dificultando o processo de ensino-aprendizagem.”</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A percepção que os formandos têm da língua</li> </ul>	<p><b>Questionário 1</b>          “Os formandos, de uma forma geral, consideram a L. inglesa importante [...]. Saliento ainda que no caso de formandos que são ‘obrigados’ a frequentar cursos, essa importância não é reconhecida.”</p> <p><b>Questionário 2</b>          “Na generalidade, os formandos reconhecem a importância da língua inglesa no quotidiano, não apenas num contexto profissional, mas também como um instrumento de comunicação relevante em contextos que não o referido [...].”</p> <p><b>Questionário 3</b>          “De uma forma geral, os meus formandos consideram a língua inglesa de extrema importância, reconhecendo a sua universalidade. Para além de a considerarem como ferramenta presente no entretenimento [...], valorizam o papel da língua, como elemento essencial na comunicação, em viagens e na sua atividade profissional [...].”</p> <p><b>Questionário 4</b>          “Penso que a importância que os formandos atribuem a esta língua é crescente. De um modo geral, os formandos já se apercebem que a língua inglesa funciona como língua franca em muitas áreas importantes quer a nível pessoal, quer a nível profissional [...].”</p> <p><b>Questionário 5</b>          “Sim, até ao momento a grande maioria dos formandos reconhece que numa era globalizante [...] é de valorizar a aprendizagem da língua inglesa [...].”</p>
--	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A adesão dos formandos à língua</li> </ul>	<p><b>Questionário 1</b>          “Nos cursos CEF a adesão é normalmente imediata e feita sem grandes dificuldades [...] nos cursos EFA, a relação com o Inglês é frequentemente difícil e não raras vezes os formandos demonstram uma atitude de pouca receptividade inicial face à disciplina.”</p> <p><b>Questionário 2</b>          “Considero-me muito satisfeita com a adesão dos formandos à aprendizagem desta língua estrangeira [...].”</p> <p><b>Questionário 3</b>          “Tendo em conta parte do público-alvo que forma as nossas turmas [...] a situação é variável. Uma outra questão é a área em que os formandos se inserem. Nos cursos ligados ao turismo, a adesão é muito alta. Nos outros cursos, esta mesma adesão não é tão significativa.”</p> <p><b>Questionário 4</b>          “Inicialmente olham para esta língua com alguma desconfiança [...]. Mas a curiosidade e a vontade de aprender, motiva-os no sentido de querer saber mais e desenvolver as suas competências [...].”</p> <p><b>Questionário 5</b>          “A experiência tem sido boa, revelando uma adesão satisfatória de grande parte dos meus formandos.”</p>
A língua	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A importância de ensinar a Língua Inglesa em cursos de</li> </ul>	<p><b>Questionário 1</b>          “[...] tem toda a importância atendendo ao mercado de trabalho e respectivas</p>



	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O papel do formador em inculcar importância de aprender a língua nos formandos</li> </ul>	<p><b>Questionário 2</b>          “Considero que generalidade dos formandos se demonstra, desde logo, consciente da importância do recurso à língua inglesa na sociedade globalizante que integramos. Verifiquei que, ao longo do percurso formativo, essa consciência se torna mais apurada [...].”</p> <p><b>Questionário 3</b>          “[...] Para mim a língua inglesa faz parte do meu universo pessoal e profissional, desde que contacto com a língua. Mas com o decorrer das horas, tenho conseguido alterar a percepção da importância da língua, nos meus formandos, suscitando maior interesse, empenho pelas sessões e pela própria língua no dia-a-dia.”</p> <p><b>Questionário 4</b>          “Atualmente, não considero que haja uma grande diferença entre a forma como formandos e formadores encaram esta língua. Creio que, na sua maioria, os formandos estão conscientes da sua importância e da necessidade de dominarem esta língua.”</p> <p><b>Questionário 5</b>          “A minha percepção assemelha-se à dos meus formandos, sobretudo dos formandos adultos e que já tiveram uma experiência profissional. Já os formandos mais jovens e que já dominam, até melhor a língua, a percepção difere um pouco [...].”</p> <p><b>Questionário 1</b>          “Esse é o primeiro objectivo enquanto formadora. Durante o curso, os formandos vão tomando consciência dessa importância nos dias de hoje, pois confrontam-se com situações do dia-a-dia que implicam o domínio mínimo do Inglês [...]”</p>
--	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estratégias para inculcar a importância de aprender a língua inglesa</li> </ul>	<p><b>Questionário 2</b>  “[...] procuro diversificar as situações de utilização da língua inglesa em sala de aula, procurando produzir simulações (tão fiéis à realidade quanto possível) de recurso à mesma [...].”</p> <p><b>Questionário 3</b>  “Todos os dias tento que os formandos valorizem a língua inglesa, de várias formas, nomeadamente através da utilização de “realia”, de “role-plays”, de música do seu agrado, filmes do seu interesse, contacto com falantes nativos, jogos didáticos, utilização de materiais a publicar ou partilhar, ações de sensibilização, entre outras.”</p> <p><b>Questionário 4</b>  “Desde a primeira sessão que tento precisamente transmitir aos formandos essa importância, através de várias estratégias: utilizando exemplos práticos do quotidiano e simulando situações específicas [...].”</p> <p><b>Questionário 5</b>  “A motivação passa sempre pela sensibilização da importância da mesma e pelo desenvolvimento de competências através de capacidades e atitudes já adquiridas.”</p> <p><b>Questionário 1</b>  “Com exercícios lúdicos, jogos, músicas, filmes, textos temáticos, simulações, os formandos vão assimilando pouco a pouco alguma capacidade comunicativa.”</p> <p><b>Questionário 2</b>  “[...] técnicas de “brainstorming”, procuro que sejam os alunos a referir em contexto</p>
--	--	--

		<p>de sala de aula, as situações em que se pode aplicar determinadas estruturas, expressões, conteúdos programáticos, no sentido de os sensibilizar para a importância do domínio de temáticas/ conteúdos/ competências.”</p> <p><b>Questionário 3</b> “O que está na base de todas estas tarefas é a aplicação prática da língua inglesa, tendo sempre em conta os interesses, aptidões, experiência e pré-requisitos dos formandos.”</p> <p><b>Questionário 4</b> “[...] utilizando exemplos que lhe são próximos, principalmente ao nível musical; perspectivando-lhes o futuro profissional em que possam comparar um percurso profissional com e sem o domínio da língua inglesa.”</p> <p><b>Questionário 5</b> “[...] as metodologias, atividades e recursos que visam os conteúdos linguísticos, funcionais e gramaticais da língua são sobretudo interativos e colaborativos, indo ao encontro dos seus interesses pessoais e fazendo com que o formando participe no seu próprio processo de aprendizagem.”</p>
--	--	--



## Anexo VI

## 1. Indique cinco áreas onde a língua inglesa tenha um papel preponderante

Primeira hipótese:

Frequência			Percentagem		
	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
Arte	1	1,4	Literatura	2	2,7
Artigos científicos	1	1,4	Livros	3	4,1
Comunicação	10	13,5	Manuais de instruções	5	6,8
Economia mundial	1	1,4	McDonald's	1	1,4
Emprego	1	1,4	Música	3	4,1
Equipamentos	1	1,4	Não Respondeu	8	10,8
Filmes	10	13,5	Rececionista	2	2,7
Hotelaria	1	1,4	Restauração	2	2,7
Informática	2	2,7	Software	2	2,7
Internet	1	1,4	Teatros	2	2,7
Jardinagem	1	1,4	Trabalho	4	5,4
Jogos	6	8,1	Turismo	3	4,1
Jornalismo	1	1,4	Total	74	100,0

Segunda hipótese:

Frequência			Percentagem		
	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
Cafés	1	1,4	Livros	2	2,7
Comunicação	3	4,1	Manuais de instruções	5	6,8
Documentação	1	1,4	Música	11	14,9
Documentários	1	1,4	Musicais	1	1,4
Filmes	2	2,7	Não Respondeu	16	21,6
Hospitais	1	1,4	Rececionista	1	1,4
Hotelaria	2	2,7	Restauração	1	1,4
Imigração	1	1,4	Software	1	1,4
Informática	4	5,4	Teatros	1	1,4
Internet	5	6,8	Tecnologia	1	1,4
Jogos	3	4,1	Televisão	1	1,4
Jornalismo	2	2,7	Trabalho	1	1,4
Literatura	2	2,7	Turismo	4	5,4
			Total	74	100,0

Terceira hipótese:

Frequência			Percentagem		
	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
Bares	1	1,4	Música	1	1,4
Ciências	3	4,1	Notícias	1	1,4
Computador	1	1,4	Não Respondeu	23	31,1
Comunicação	1	1,4	Quem trabalha com clientes	1	1,4
Documentários	1	1,4	Séries	1	1,4
Economia mundial	1	1,4	Software	1	1,4
Filmes	5	6,8	Televisão	3	4,1
Informática	1	1,4	Trabalho	3	4,1

Percepções dos alunos face à aprendizagem da Língua Inglesa

Internet	6	8,1	Trabalho no estrangeiro	1	1,4
Jogos	5	6,8	Tradutores	1	1,4
Literatura	2	2,7	Turismo	2	2,7
Manuais de instrução	6	8,1	Viagens	1	1,4
Mensagens	1	1,4	Vídeos	1	1,4
			<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

Quarta hipótese:

Frequência Percentagem			Frequência Percentagem		
Agências de viagens	1	1,4	Jogos	3	4,1
Arte	1	1,4	Literatura	1	1,4
Artigos científicos	4	5,4	Livros	1	1,4
Catálogos	3	4,1	Manuais de instruções	2	2,7
Ciências	2	2,7	Música	2	2,7
Computador	1	1,4	Nomes de roupas	1	1,4
Documentários	2	2,7	Notícias	1	1,4
Equipamentos	1	1,4	Não Respondeu	32	43,2
Filmes	5	6,8	Rótulos de produtos	2	2,7
Grandes superfícies	1	1,4	Séries	1	1,4
Hotelaria	1	1,4	Trabalho	1	1,4
Internet	3	4,1	Viagens	2	2,7
			<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

Quinta hipótese:

Frequência Percentagem			Frequência Percentagem		
Anúncios	1	1,4	Literatura	1	1,4
Catálogos	1	1,4	Manuais de instruções	5	6,8
Desenhos animados	1	1,4	Máquinas elétricas	1	1,4
Desporto	1	1,4	Medicamentos	1	1,4
Ensino	1	1,4	Música	3	4,1
Férias	1	1,4	Não Respondeu	46	62,2
Filmes	1	1,4	Revistas	1	1,4
Hotelaria	1	1,4	Televisão	2	2,7
Internet	2	2,7	Termos financeiros	1	1,4
Jogos	1	1,4	Turismo	2	2,7
			<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

## Anexo VII

## 2. Indique cinco países onde a língua inglesa seja a língua principal

Primeira hipótese:

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
África do Sul	2	2,7	Inglaterra	43	58,1
América	2	2,7	Irlanda	2	2,7
Austrália	2	2,7	Luxemburgo	1	1,4
Canadá	1	1,4	Não Respondeu	3	4,1
E.U.A.	9	12,2	País de Gales	1	1,4
Escócia	1	1,4	Portugal	3	4,1
Grã-Bretanha	1	1,4	Reino Unido	3	4,1
			Total	74	100,0

Segunda hipótese:

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
África do Sul	3	4,1	Inglaterra	11	14,9
América	1	1,4	Irlanda	8	10,8
Angola	1	1,4	Irlanda do Norte	2	2,7
Austrália	3	4,1	Nigéria	1	1,4
Canadá	2	2,7	Não Respondeu	18	24,3
E.U.A.	7	9,5	País de Gales	4	5,4
Escócia	1	1,4	Portugal	1	1,4
Espanha	1	1,4	Reino Unido	5	6,8
França	1	1,4	Suécia	1	1,4
Grã-Bretanha	3	4,1	Total	74	100,0

Terceira hipótese:

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
África do Sul	3	4,1	França	2	2,7
Alemanha	1	1,4	Inglaterra	2	2,7
América	2	2,7	Irlanda	1	1,4
Arábia Saudita	1	1,4	Irlanda	9	12,2
Austrália	4	5,4	Nigéria	1	1,4
Canadá	5	6,8	Não Respondeu	23	31,1
E.U.A.	9	12,2	Portugal	1	1,4
Escócia	4	5,4	Reino Unido	4	5,4
Espanha	2	2,7	Total	74	100,0

Quarta hipótese:

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
África do Sul	5	6,8	França	1	1,4
Alemanha	1	1,4	Guiné Inglesa	1	1,4
América	1	1,4	Holanda	1	1,4
Austrália	9	12,2	Irlanda	5	6,8
Bélgica	1	1,4	Jamaica	1	1,4
Canadá	5	6,8	Não Respondeu	31	41,9
E.U.A.	2	2,7	Qatar	1	1,4
Escócia	7	9,5	Reino Unido	1	1,4
Espanha	1	1,4	Total	74	100,0

Quinta hipótese:

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
África do Sul	5	6,8	Jamaica	1	1,4
Alemanha	2	2,7	Libéria	1	1,4
Austrália	3	4,1	Namíbia	1	1,4
Áustria	1	1,4	Nigéria	2	2,7
Canadá	8	10,9	Não Respondeu	36	48,6
E.U.A.	4	5,4	País de Gales	2	2,7
Escócia	2	2,7	Paquistão	1	1,4
Haiti	1	1,4	Reino Unido	1	1,4
Inglaterra	1	1,4	Suécia	1	1,4
Irlanda	1	1,4	Total	74	100,0

**Anexo VIII**

**3.1. Considere as seguintes línguas como línguas nativas e ordene-as de 1 a 10, sendo que 1 corresponde à língua mais falada, e 10 à menos falada**

Língua mais falada: 1.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	3	4,1
Chinês Mandarim	19	25,7
Inglês	31	41,9
Não Respondeu	5	6,8
Persa	1	1,4
Português	15	20,3
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

Língua mais falada: 2.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	2	2,7
Árabe	1	1,4
Chinês Mandarim	1	1,4
Espanhol	17	23,0
Francês	13	17,6
Inglês	24	32,4
Japonês	3	4,1
Não Respondeu	6	8,1
Persa	2	2,7
Português	5	6,8
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

Língua mais falada: 3.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	3	4,1
Chinês Mandarim	3	4,1
Espanhol	26	35,1
Francês	16	21,6
Inglês	4	5,4
Japonês	4	5,4
Não Respondeu	7	9,5
Persa	3	4,1
Português	6	8,1
Russo	2	2,7
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

Língua mais falada: 4.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	8	10,8
Árabe	2	2,7
Chinês Mandarim	3	4,1
Espanhol	11	14,9
Francês	21	28,4
Inglês	3	4,1
Japonês	4	5,4
Não Respondeu	7	9,5
Persa	2	2,7
Português	8	10,8
Russo	5	6,8
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

Língua mais falada: 5.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	19	25,7
Árabe	3	4,1
Chinês Mandarim	4	5,4
Espanhol	4	5,4
Francês	7	9,5
Inglês	1	1,4
Japonês	6	8,1
Não Respondeu	6	8,1
Persa	1	1,4
Português	15	20,3
Russo	8	10,8
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

Língua mais falada: 6.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	13	17,6
Árabe	8	10,8
Chinês Mandarim	3	4,1
Espanhol	1	1,4
Francês	3	4,1
Inglês	2	2,7
Japonês	10	13,5
Não Respondeu	6	8,1
Persa	2	2,7
Português	5	6,8
Russo	21	28,4
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

Percepções dos alunos face à aprendizagem da Língua Inglesa

Língua mais falada: 7.ª Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	5	6,8
Árabe	14	18,9
Chinês Mandarim	6	8,1
Espanhol	3	4,1
Francês	1	1,4
Japonês	16	21,6
Não Respondeu	6	8,1
Persa	12	16,2
Português	5	6,8
Russo	6	8,1
Total	74	100,0

Língua mais falada: 8.ª Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	3	4,1
Árabe	7	9,5
Chinês Mandarim	10	13,5
Espanhol	4	5,4
Inglês	1	1,4
Japonês	15	20,3
Não Respondeu	7	9,5
Persa	9	12,2
Português	4	5,4
Russo	14	18,9
Total	74	100,0

Língua mais falada: 9.ª Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	3	4,1
Árabe	18	24,3
Chinês Mandarim	11	14,9
Espanhol	2	2,7
Francês	6	8,1
Inglês	1	1,4
Japonês	6	8,1
Não Respondeu	6	8,1
Persa	12	16,2
Português	5	6,8
Russo	4	5,4
Total	74	100,0

Língua mais falada: 10.ª Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	9	12,2
Árabe	14	18,9
Chinês Mandarim	8	10,8
Inglês	2	2,7
Japonês	3	4,1
Não Respondeu	6	8,1
Persa	24	32,4
Russo	8	10,8
Total	74	100,0

## Anexo IX

3.2. Considere as seguintes línguas como línguas nativas, segundas línguas e línguas estrangeiras e ordene-as de 1 a 10, sendo que 1 corresponde à língua mais falada, e 10 à menos falada

Língua mais falada: 1.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	4	5,4
Árabe	1	1,4
Chinês Mandarim	5	6,8
Francês	1	1,4
Inglês	41	55,4
Japonês	2	2,7
Não Respondeu	6	8,1
Português	14	18,9
Total	74	100,0

Língua mais falada: 4.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	9	12,2
Árabe	5	6,8
Chinês Mandarim	8	10,8
Espanhol	13	17,6
Francês	8	10,8
Inglês	1	1,4
Japonês	3	4,1
Não Respondeu	7	9,5
Persa	2	2,7
Português	13	17,6
Russo	5	6,8
Total	74	100,0

Língua mais falada: 2.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	2	2,7
Árabe	3	4,1
Chinês Mandarim	5	6,8
Espanhol	24	32,4
Francês	14	18,9
Inglês	11	14,9
Japonês	2	2,7
Não Respondeu	6	8,1
Persa	2	2,7
Português	5	6,8
Total	74	100,0

Língua mais falada: 5.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	16	21,6
Árabe	3	4,1
Chinês Mandarim	5	6,8
Espanhol	1	1,4
Francês	4	5,4
Japonês	9	12,2
Não Respondeu	7	9,5
Persa	5	6,8
Português	14	18,9
Russo	10	13,5
Total	74	100,0

Língua mais falada: 3.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	5	6,8
Árabe	3	4,1
Chinês Mandarim	1	1,4
Espanhol	20	27,0
Francês	23	31,1
Inglês	4	5,4
Japonês	4	5,4
Não Respondeu	7	9,5
Persa	2	2,7
Português	5	6,8
Total	74	100,0

Língua mais falada: 6.<sup>a</sup> Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	8	10,8
Árabe	5	6,8
Chinês Mandarim	5	6,8
Espanhol	2	2,7
Francês	3	4,1
Inglês	2	2,7
Japonês	10	13,5
Não Respondeu	8	10,8
Persa	7	9,5
Português	8	10,8
Russo	16	21,6
Total	74	100,0

Língua mais falada: 7.ª Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	5	6,8
Árabe	9	12,2
Chinês Mandarim	4	5,4
Espanhol	2	2,7
Francês	5	6,8
Inglês	3	4,1
Japonês	12	16,2
Não Respondeu	8	10,8
Persa	9	12,2
Português	4	5,4
Russo	13	17,6
Total	74	100,0

Língua mais falada: 9.ª Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	2	2,7
Árabe	16	21,6
Chinês Mandarim	12	16,2
Espanhol	2	2,7
Francês	3	4,1
Inglês	1	1,4
Japonês	9	12,2
Não Respondeu	7	9,5
Persa	12	16,2
Português	5	6,8
Russo	5	6,8
Total	74	100,0

Língua mais falada: 8.ª Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	7	9,5
Árabe	15	20,3
Chinês Mandarim	10	13,5
Espanhol	3	4,1
Francês	5	6,8
Japonês	10	13,5
Não Respondeu	7	9,5
Persa	11	14,9
Russo	6	8,1
Total	74	100,0

Língua mais falada: 10.ª Escolha

	Frequência	Percentagem
Alemão	8	10,8
Árabe	7	9,5
Chinês Mandarim	12	16,2
Francês	1	1,4
Inglês	5	6,8
Japonês	6	8,1
Não Respondeu	7	9,5
Persa	16	21,6
Russo	12	16,2
Total	74	100,0

## Anexo X

Indique três exemplos de empregos onde considere que falar Inglês seja essencial para ser contratado

Primeira hipótese:

	N	%		N	%
Ator	2	2,7	Loja	1	1,4
Aeroporto	1	1,4	Marketing	1	1,4
Agência de vendas de carros	1	1,4	McDonald's	1	1,4
Atendimento ao público	3	4,1	Médico	1	1,4
Bares	1	1,4	Não Respondeu	11	14,9
Camionista	1	1,4	Professor	1	1,4
Contabilista	1	1,4	Rececionista	10	13,5
Controlador aéreo	1	1,4	Relações públicas	2	2,7
Costureira	1	1,4	Restauração	1	1,4
Delegado de informação médica	1	1,4	Técnico de vendas	2	2,7
Empresário	1	1,4	Técnico informático	1	1,4
Guia turístico	6	8,1	Telecomunicações	1	1,4
Hipermercado	1	1,4	Tradutor	1	1,4
Hospedeiro	2	2,7	Turismo	4	5,4
Hotelaria	6	8,1	Vendedor	2	2,7
Industria automóvel	1	1,4	Viajante	1	1,4
Informáticos	3	4,1	Total	74	100,0

Segunda hipótese:

	N	%		N	%
Aeroporto	3	4,1	Médico	1	1,4
Agência de viagens	2	2,7	Motorista	1	1,4
Bares	3	4,1	Navegação	1	1,4
Controlador aéreo	1	1,4	Não Respondeu	19	25,7
Cozinheiro	1	1,4	Piloto	1	1,4
Empregado de finanças	1	1,4	Portaria de um hotel	1	1,4
Empregados de mesa	2	2,7	Professor	2	2,7
Empresário	1	1,4	Rececionista	2	2,7
Enfermeiros	1	1,4	Relações públicas	1	1,4
Escritórios	1	1,4	Restauração	1	1,4
Fórum	1	1,4	Técnico de refrigeração	2	2,7
Futebol	1	1,4	Telecomunicações	3	4,1
Hospedeiro	4	5,4	Tradutor	1	1,4
Hotelaria	4	5,4	Turismo	4	5,4
Informáticos	4	5,4	Vendedor	1	1,4
Jornalismo	3	4,1	Total	74	100,0

Terceira hipótese:

	N	%		N	%
Ator	1	1,4	Hospedeiro	2	2,7
Agência de vendas de carros	1	1,4	Hotelaria	2	2,7
Agência de viagens	2	2,7	Jornalismo	3	4,1
Baby-sitter	1	1,4	Loja	1	1,4
Controlador aéreo	1	1,4	Mecânico	1	1,4
Economista	1	1,4	Modelo	1	1,4
Empregado de consultoria	1	1,4	Motorista	1	1,4
Empregados de balcão	1	1,4	Não Respondeu	28	37,8
Empregados de mesa	2	2,7	Rádio	1	1,4
Empresário	2	2,7	Rececionista	1	1,4
Empresas internacionais	2	2,7	Relações públicas	1	1,4
Energias renováveis	1	1,4	Restauração	1	1,4
Fábrica	1	1,4	Técnico	1	1,4
Florista	1	1,4	Técnico de refrigeração	1	1,4
Formador	1	1,4	Telecomunicações	2	2,7
Futebol	1	1,4	Tênis	1	1,4
Grandes superfícies	1	1,4	Tradutor	2	2,7
Guia turístico	1	1,4	Turismo	2	2,7
			Total	74	100,0

## Anexo XI

## “Trabalho”

3	Porque nunca se sabe para que emprego a gente pode concorrer ou para onde se vai trabalhar.
4	Penso que é muito importante por ser uma língua universal. Preciso dela com regularidade na minha vida, e fluentemente para encontrar emprego acho que é um bem essencial para arranjar emprego.
8	Profissionalmente, saber mais do que uma língua é uma mais-valia, principalmente o inglês que é uma língua universal.
14	Há trabalhos em que é preciso a língua inglesa.
15	No ramo da música o inglês é fundamental.
27	Porque é importante para o meu futuro profissional.
37	Quero trabalhar com o público.
39	Por ser precisa para algum emprego no futuro.
42	Pois se precisarmos de ler um manual por exemplo vem em inglês.
60	Porque para arranjar um trabalho que seja tenho que saber inglês.
63	Hoje em dia tudo o que se encontra de material informático e certas máquinas os livros de instruções vêm escritos a maioria em inglês e espanhol, e poucos em português.
<b>Total:</b>	<b>11</b>
<b>%</b>	<b>23,4%</b>

## “Emigração”

2	Pois posso ir trabalhar para fora de Portugal
26	Depende se ficar no nosso país ou for para o estrangeiro.
28	No futuro posso vir a sair do país.
33	Concordo totalmente porque em primeiro lugar é sempre bom saber mais línguas, essencialmente o inglês que é a mais falada pois no nosso futuro vamos precisar de procurar emprego fora.
34	Penso que aprendermos as línguas mais faladas do mundo é importante porque se fossemos trabalhar para fora é preciso falar e compreender inglês.
35	Tenciono ir para fora.
41	Emprego no estrangeiro.
62	Porque cada vez mais a língua inglesa é importante em todos os países. E a nível económico é muito importante.
73	Porque podemos arranjar emprego no estrangeiro.
74	Se estiver a emigrar, tenho uma “arma” para comunicar.
<b>Total:</b>	<b>10</b>
<b>%</b>	<b>21,3%</b>

“Comunicar num mundo globalizado”

16	Com a globalização certamente irei encontrar pessoas de diferentes nacionalidades daí precisar da língua inglesa.
25	Para falar com qualquer tipo de pessoa que fale inglês.
30	Porque nos dias de hoje, com a globalização cada vez mais temos acesso a informação e temos que comunicar em inglês.
32	Porque a língua inglesa serve para podermos contactar nas minhas áreas de trabalho preferidas.
44	Derivado a comunicar com outras pessoas de outros países essas pessoas entre si falam inglês.
45	Precisamente para comunicar com colegas e superiores e entender os nativos da região.
68	Porque a língua inglesa torna-se essencial na comunicação para obter todas as informações que necessito para melhor esclarecimento.
<b>Total:</b>	<b>7</b>
<b>%</b>	<b>14,9%</b>

Outras respostas

1	Não preciso de sabe inglês para trabalhar e ter um ordenado.	
5	Não digo que seja importante para o meu futuro profissional pois ainda não sei qual será o meu ambiente profissional.	Concorda parcialmente
19	Porque não tenho família na Inglaterra e não vou trabalhar lá.	
36	Pois nos infantários em Portugal não se fala inglês.	
67	Ainda não sei qual é o meu futuro neste momento.	Concorda parcialmente
<b>Total:</b>	<b>5</b>	<b>2</b>
<b>%</b>	<b>10,6%</b>	<b>40%</b>

24	É bom para o futuro.
<b>Total:</b>	<b>1</b>
<b>%</b>	<b>2,1%</b>